

ELISEU

O PROFETA

W. W. Fereday

Edições Cristãs

ÍNDICE

- 1 - O SUCESSOR DE ELIAS
- 2 - A CHAMADA PARA O SERVIÇO
- 3 - A PORÇÃO DOBRADA
- 4 - O PRATO NOVO
- 5 - O JULGAMENTO DOS ZOMBADORES
- 6 - OS TRÊS REIS
- 7 - A BOTIJA DE AZEITE
- 8 - A SUNAMITA
- 9 - A MORTE NA PANELA
- 10 - AS PRIMÍCIAS
- 11 - NAAMÃ, O SÍRIO
- 12 - SERÁ CONVENIENTE RECEBERMOS...?
- 13 - E O FERRO FLUTUOU!
- 14 - DEUS E OS REIS
- 15 - CARROS DE FOGO
- 16 - A LIÇÃO DA GUERRA
- 17 - OS QUATRO LEPROSOS
- 18 - O REGRESSO DA SUNAMITA
- 19 - INSTRUMENTOS DE IRA
- 20 - A LIÇÃO DAS FLECHAS
- 21 - VIDA DE ENTRE OS MORTOS

* * *

O SUCESSOR DE ELIAS

Nas circunstâncias normais, nos planos de Jeová para Israel, não havia lugar para o profeta.

No fim do ministério de Moisés, o traço de união entre o Senhor e o Seu povo era o sumo sacerdote e o dirigente civil tinha instruções para agir sob a direção daquele (Números 27.18-23).

Quando o sacerdócio falhou, foi o rei quem tomou o seu lugar e o sumo sacerdote passou para um segundo plano (1º Samuel 2.35). Depois, quando o rei também falhou, é que surgiram os profetas, pois o nosso Deus quer ter sempre um meio pelo qual possa estar em contato com o Seu povo, para sua instrução e bênção.

Os profetas, porém, apareciam intermitentemente, conforme Deus via que eram necessários. A função não era hereditária, como o caso dos sacerdotes e reis. Cada profeta estava isolado na sua responsabilidade pessoal; desempenhava a sua missão e, em seguida, desaparecia.

Mas o caso de Elias foi excepcional; ele teve um sucessor. “*A Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar*” (1º Reis 19.16). Assim, Eliseu seria o continuador da obra de Elias.

O contraste entre um e outro era notável. Um, terrível de aspecto; o outro, de modos, afáveis. Um, era asceta; o outro, simples e acessível a todos. Os milagres de Elias eram caracterizados pelo critério; os de Eliseu, com uma exceção, pela misericórdia. A própria maneira como cada um deles nos é apresentado desperta a atenção pelo seu contraste. O tesbita entra em cena abruptamente, como um trovão em céu sem

nuvens (1º Reis 17.1); o filho de Safate surge lavrando pacificamente num campo (1º Reis 19.19).

Elias e Eliseu trazem-nos à memória João Batista e o Senhor Jesus. O severo ministério de Elias tem semelhanças com o do precursor de Cristo (Lucas 1.17); o bondoso ministério de Eliseu sugere-nos o do próprio Salvador (Lucas 7.33-34). O próprio significado do seu nome é eloquente: “Deus é a salvação”.

A intervenção de Elias junto de Deus, contra o povo de Israel (Romanos 11.2), levou à consagração de Eliseu como seu sucessor. O seu espírito, tão duramente provado, irrompeu em amargas queixas contra o povo de Deus. Ele recapitulou seus pecados diante do Senhor: tinham abandonado a sua aliança, derrubando os seus altares, exterminando os seus profetas pela espada e, por último, estavam procurando a destruição do próprio Elias (1º Reis 19.10). Quão diferente o seu procedimento do procedimento de Moisés em Êxodo 32.31-32!

Além disso, ao fazer a sua extraordinária exclamação: “*E eu fiquei só*” (1º Reis 19.10, 14), o profeta parece ter caído no erro de pensar que nenhum outro coração dedicado tinha ficado em Israel.

Deus não pode tolerar isto em nenhum de nós. É verdade que outros não se separariam tão radicalmente do mal como Elias; todavia, o Senhor quis que Seu servo soubesse que, apesar de tudo, havia sete mil joelhos que não se tinham curvado perante Baal.

De um modo notável nesta altura da narrativa, surgem à luz outras testemunhas do Senhor, vários dentre os sete mil (1º Reis 19.19; 20.13-22, 28-35; 21.3; 22.8).

Aprendamos com o erro de Elias. Os tempos em que vivemos são manifestamente deploráveis e a apostasia cresce. Deus dá valor àqueles que, como Elias, tomam uma atitude decidida contra o mal, custe-lhes o que custar, quer em conforto, quer em reputação. Mas que nenhum dos tais contraste sua fidelidade com a de outros. A humildade fica-nos bem, assim como o espírito de simpatia para com aqueles que, apesar das aparências, intimamente amam a Cristo. Todos estes são preciosos à vista de Deus e, embora Ele mesmo condene severamente aquilo que não Lhe agrada neles, nunca tolerará em nós o espírito de censura no que se refere à sua conduta.

Cair nesta tendência é desperdiçar a nossa utilidade neste momento crítico da Igreja de Deus. Se uma testemunha tão boa como Elias falhou a este respeito, quão grande não é o perigo de nós agirmos da mesma maneira!

A CHAMADA PARA O SERVIÇO

Elias caminhou até Abel-Meolá para encontrar um sucessor e eis que, pela graça de Deus, encontrou mais do que isso: encontrou um companheiro.

As experiências pelas quais o fogoso profeta teria de passar não tinham de modo algum terminado e, futuramente, necessitaria ser confortado por um coração amigo. *“Melhor é serem dois do que um,... porque, se caírem, um levanta o companheiro”* (Eclesiastes 4.9-10).

As palavras de 2º Reis 3.11 mostram-nos quão solícitamente Eliseu reanimava o espírito de seu senhor: *“Aqui está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias”*. Em 1º Reis 19.21 relata-se como *“se dispôs, e seguiu a Elias, e o servia”*.

É um quadro agradável aquele que se nos depara em 1º Reis 19.9-21. Perdido entre os adoradores de Baal, um lavrador piedoso continuava cuidando de sua vida, embora a sua alma se encontrasse indubitavelmente pesarosa ao ver o estado de apostasia em que se achava o povo de Deus, mantendo-se ele, apesar de tudo, inteiramente separado, de mente e de coração, da idolatria dominante.

A sua chamada para testemunho e serviço veio quando Elias passou pelo lugar onde ele morava e nos é narrada em 1º Reis 19.9; a sua dedicação para o serviço do Senhor acha-se em 2º Reis 2.9.

De igual modo, os apóstolos de nosso Senhor ouviram a chamada em Mateus 4.18 e receberam o batismo no Espírito Santo em Atos 2.

Foi obra de um momento Elias lançar o seu manto sobre Eliseu, mas foi o ponto decisivo na história espiritual deste último. Foi a grande crise na sua vida.

Se, por acaso, ele falhasse em perceber o significado daquele momento, toda a sua carreira subsequente teria falta de inspiração divina.

Crises semelhantes ocorrem hoje na história das almas; necessitamos é de percepção espiritual para as reconhecer quando se nos apresentam. Assim, um crente pode ouvir distintamente a chamada

do Senhor para deixar tudo de lado e dedicar-se à propagação do Evangelho numa terra distante. Se ele hesitar, esse privilégio pode nunca mais se lhe oferecer. Se, pelo contrário, ele humildemente se submeter ao mandato divino, o seu lema será “para a frente” a partir daquele momento.

As nossas vidas, no que respeita à sua utilidade, podem ser aproveitadas ou inutilizadas pela nossa habilidade em discernir estas crises quando se nos apresentam. Só podemos ser verdadeiramente úteis se estivermos no lugar que Deus nos tem designado.

Eliseu abandonou tudo para seguir fielmente os passos de outro. Eis aqui um exemplo para cada um de nós. “*Segue-me tu*”, disse o Senhor (João 21.22). Cultivemos o sentimento de Rute na sua fervorosa declaração a Noemi: “*Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrei eu e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem Lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti*” (Rute 1.16-17). Isto sim que é verdadeira dedicação.

Mas, mais do que isto, Eliseu dedicou tudo para seguir um caminho de dificuldade. Elias era um proscrito e cada passo que dava era rodeado de perigo. Da tranquilidade e segurança de sua fazenda, Eliseu saiu para ser seu discípulo. A sua completa separação do passado parece ser indicada pelo fato de, não só ter imolado os bois, mas “*com os aparelhos dos bois, cozeu as carnes, e as deu ao povo, e comeram*”. Queimou, por assim dizer, os seus barcos atrás de si. Daquele dia em diante não haveria mais olhar para trás.

Nós, irmãos, somos seguidores de um Cristo rejeitado. Perda e não ganho, sofrimento e não conforto, é o que acompanha inevitavelmente o fato de sermos verdadeiramente Seus discípulos. Estaremos nós realmente preparados para estas coisas?

O apóstolo Paulo passou por experiências sem paralelo (o seu próprio relato destas experiências acha-se em 2ª Coríntios 11.12-33), mas o que foi que o sustentou?

Ouçamo-lo em Filipenses 3.7-8: “*O que para mim era lucro, isto considereei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do Qual perdi todas as cousas e as considero como refugio, para conseguir Cristo e ser achado nEle*”.

A PORÇÃO DOBRADA

Quaisquer que sejam os serviços que Eliseu prestou a Elias (e isto nos traz à lembrança Timóteo), enquanto este último permaneceu neste mundo, o seu testemunho propriamente dito somente começou após a ascensão de Elias ao céu.

A última viagem que fizeram juntos é cheia de significado espiritual. Partindo de Gilgal, seguiram para o ocidente, até Betel; dali tornaram novamente para o oriente e visitaram Jericó; e de Jericó andaram até o Jordão e atravessaram para a outra margem.

Todos estes lugares nos falam de um passado de bênção e de um presente de desolação.

A história de Israel na terra de Canaã iniciou-se em Gilgal (Josué 5). Foi ali que acamparam; foi ali que o opróbrio da dominação egípcia os abandonou; e dali partiram, por ordem divina, para a conquista da Terra Prometida. Para um israelita piedoso aquele lugar tinha recordações muito preciosas. Porém, agora, Gilgal era um dos centros principais da iniquidade nacional (Amós 4.4; 5.5; Oséias 4.15). O lugar onde outrora Israel se tinha consagrado ao Senhor havia-se transformado num centro de infidelidade ao mesmo Senhor. Como isto nos faz recordar, com tristeza, o que a Igreja era no princípio e o que é hoje!

Betel, que significa “*casa de Deus*”, era sagrada por ser o lugar onde Deus Se manifestou a Jacó e onde, pela Sua graça, fez um pacto com o Seu servo (Gênesis 28.10-22). Agora, nesse mesmo lugar, estava um dos bezerros de ouro de Jeroboão (1º Reis 12.28-29), o que deu origem a que o Senhor Se referisse com desprezo a Betel chamando-a de Bete-Áven, que quer dizer “*casa de loucura*” (Oséias 4.15).

Jericó assistiu uma vez a uma maravilhosa manifestação do poder divino quando o Senhor fez com que as suas muralhas ruíssem por completo em um momento e agora era uma prova bem visível da apostasia de Israel (Josué 6.20; 1º Reis 16.34).

Outrora, o Jordão abriu-se à passagem de Israel; agora, abria-se à saída de Elias. Parecia que o Senhor estava cortando, elo por elo, tudo o que uma vez O ligara ao Seu povo. Eles O tinham rejeitado; agora, era Ele que, por Sua vez, os rejeitava. Era como se estivesse dizendo ao Seu servo: “Eles não Me querem, nem a Mim nem a você; deixe-os”.

A persistência de Eliseu naquela viagem memorável é digna de nota. Logo de início, Elias deu-lhe oportunidade de permanecer em Gilgal, enquanto ele seguia para Betel (2º Reis 2.2). Porém, Eliseu protestou: “*Tão certo como vive o Senhor e vive a tua alma, não te deixarei*”. Em Betel e em Jericó teve mais oportunidades ainda, que recusou com a mesma decisão que tinha demonstrado na primeira vez.

Desejaria, de fato, Elias ver-se livre do seu companheiro ou estaria provando-o para ver até que ponto ia a sua decisão naquele momento crítico?

Como podemos deduzir das palavras dos filhos dos profetas, tinha-se espalhado a ideia de que Elias seria brevemente arrebatado e então Eliseu tomou a firme decisão de ficar com ele até o fim. A sua alma sentia que seria abençoada andando com Elias e estava resolvido a não perder a sua bênção. “*E, assim, ambos foram juntos*”.

Ah, se nós nos apegássemos a Cristo tão fortemente como Eliseu se apegou a Elias! É aqui que reside o segredo de uma vida de testemunho vibrante.

Chegados ao rio, o Jordão se abriu diante do profeta, de modo que “*passaram ambos em seco*”. Temos aqui um tipo expressivo de Cristo, dominador da morte. Mas a Sua morte é também a nossa e encontramos, conseqüentemente, com Ele fora deste mundo pecaminoso. Compreendemos nós que, de fato, é esta a nossa verdadeira posição?

Depois de passarem o Jordão, chegou finalmente a grande oportunidade de Eliseu. “*Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti*”, disse o seu mestre. Como Salomão, no passado (1º Reis 3.5), o desejo do seu coração achou eco na sua resposta: “*Peço-te que me toque por herança porção dobrada do teu espírito*”. Ora, “*a porção dobrada*” era a que pertencia ao primogênito (Deuteronômio 21.5-17) e que lhe permitia representar convenientemente os seus antepassados e manter a honra do seu nome.

Todos os que pertencem à Igreja do Senhor são primogênitos (Hebreus 12.23) e, como tais, são dotados de bênçãos que os crentes da antiga dispensação jamais conheceram. Nada pode exceder a rica porção que nos cabe em Cristo ressuscitado, aquela “*melhor porção*” que Deus nos preparou (Hebreus 11.16). Pelo poder do Espírito Santo já podemos

começar a desfrutá-la e assim sermos dignos de representar adequadamente a Cristo ausente no mundo, onde foi rejeitado.

Só depois de passarem o Jordão é que Elias concedeu uma oportunidade de bênção ao seu discípulo. Semelhantemente, é necessário passar primeiro pelo Calvário e pelo seu poder vivificador antes que o Espírito nos seja dado de cima e se possam desfrutar completamente as bênçãos da vida cristã.

Porém, houve uma condição que foi imposta a Eliseu: *“Se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não me vires, não se fará”*. Mas Eliseu pôde contemplar esta cena gloriosa e, assim, o poder e a bênção que ele tanto desejava se tornaram seus.

Estamos nós contemplando o Filho do homem que subiu para Deus? Estarão os olhos da nossa fé sobre Ele? O apóstolo pedia para os Colossenses (1.11) fossem *“fortalecidos com todo o poder, segundo a força da Sua glória, em toda perseverança e longanimidade, com alegria”*. Assim fortalecido, Estêvão pôde triunfantemente encarar a morte e Paulo pôde viver e servir a Senhor denodadamente.

O manto de Elias caiu quando este foi arrebatado. Eliseu tomou este manto e rasgou as suas próprias vestes.

Devemos despir-nos primeiro para que depois possamos nos revestir. Devemos esvaziar-nos para depois nos enchermos. À medida que o velho “eu” for sacrificado na vida prática (após termos aceitado a sua condenação de Deus), Cristo Se manifestará em nós.

O apóstolo descreve a sua própria experiência do seguinte modo: *“Nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal”* (2^a Coríntios 4.11). Ele até aceitava as circunstâncias mais aflitivas, desde que elas contribuíssem para este glorioso resultado (2^a Coríntios 12.9).

Cheio de poder, Eliseu voltou novamente ao Jordão, *“tomou o manto que Elias lhe deixara cair, feriu as águas e disse: Onde está o Senhor, Deus de Elias? Quando feriu ele as águas, elas se dividiram para uma e outra banda, e Eliseu passou”* (2^o Reis 2.14).

Elias tinha partido, mas Deus permanecia. Todos nós precisamos é de fé no Deus Invisível. Israel falhou a este respeito quando Moisés desapareceu no monte (Êxodo 32.1). A própria Igreja falhou de igual modo na fé em seu Chefe e no Seu Espírito invisível. Os homens vêm e depois desaparecem, mas Deus está sempre com o Seu povo. Não vivamos do passado, lamentando-nos de que *“os dias passados foram melhores do que estes”* (Eclesiastes 7.10); antes, apeguemo-nos a Deus,

hoje, certos de que O acharemos tão bom para conosco como Ele o foi para com os Seus filhos das épocas passadas.

* * *

4

O PRATO NOVO

Tendo terminado o ministério do “filho do trovão”, começou o ministério do “filho da consolação”. O caráter geral deste ministério tinha algo da Graça do Cristianismo e não é de admirar porque provinha (simbolicamente) da Morte e da Ressurreição, como já vimos.

Note-se aqui a bondade do coração divino. Já tinha sido passada sentença sobre Israel e aqueles que iam executá-la também já tinham sido nomeados (Hazeel e Jeú - 1º Reis 19.15-17); no entanto, Deus instituiu um ministério de graça. A espada vingadora foi detida, por um pouco, pela Sua misericórdia.

O mesmo se está dando com o mundo dos dias de hoje. A sua condenação já foi pronunciada há muito tempo (João 12.31; 16.11); no entanto, apenas tinha sido pronunciada e já o Espírito Santo tinha sido mandado do céu, trazendo-nos a maravilhosa mensagem do amor e misericórdia com a qual, pela graça do Senhor, já os nossos corações estão familiarizados e que excede de longe qualquer outro gesto divino de amor das épocas passadas da história da humanidade. Mas, quando a presente dispensação terminar, o golpe cairá irremediavelmente.

Após o arrebatamento de Elias, Eliseu demorou-se por algum tempo em Jericó e foi ali que um importante pedido lhe foi feito pelos “homens da cidade” (2º Reis 2.19-2): “*Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu senhor, porém as águas são más e a terra é estéril*”. Assim, o orgulho do homem, embora fosse capaz de reconstruir a cidade, opondo-se à palavra de Deus, era impotente para remover a maldição que pairava sobre ela.

E o que são os homens capazes de realizar na sua limitada esfera de ação, hoje em dia? Com todos os seus projetos, longa e trabalhosamente amadurecidos, veem-se constrangidos, em toda parte, a confessar que o

mundo está muito longe de ser o que desejariam que fosse. É evidente que pesa uma maldição sobre todos os planos feitos pelos homens. As grandes esperanças de hoje são os amargos desapontamentos de amanhã. O agrado, o deleite, lá está, porque foi Deus que o criou, mas a água – a fonte de onde os homens gostariam de obter satisfação e prazer – é má; e a *“terra é estéril”*, isto é, não produz nenhum fruto para o Senhor. Tanto para Deus quanto para o homem, tudo é ao contrário do que deveria ser.

A única esperança dos homens de Jericó, que tão necessitados de auxílio estavam, era o *“homem de Deus”*, do mesmo modo que a única esperança dos tempos atuais é o Filho do homem que está sentado à direita de Seu Pai celeste, embora eles não o queiram compreender.

Eliseu ordenou que, lhe trouxessem um prato novo, com sal dentro. *“Saiu ele ao manancial das águas e deitou sal nele, e disse: Assim diz o Senhor: Tornei saudáveis estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade”*. O remédio era, pois, um prato novo com sal dentro e o seu conteúdo lançado no manancial das águas.

Podemos aprender aqui a maneira como Deus abençoou o homem. Não é remendando qualquer coisa velha, mas apresentando alguma coisa completamente nova.

Aqueles que ainda não perderam a confiança na carne estão constantemente procurando reparar os seus defeitos mais notórios. Diz-se, frequentemente, na crise atual, que deveríamos ter mais confiança na humanidade, o que vem a ser, na carne. Mas já faz bastante tempo que Deus declarou serem incuráveis os males da carne e, por isso, a condenou pela morte de Cristo (Romanos 8.3-8).

Nada nos pode valer a não ser uma natureza nova. Eis o motivo porque o Senhor Jesus nos fala em Lucas 5.36-38 de um vestido novo, de um vinho novo e de odres novos, e o apóstolo, em Efésios 4.24, fala-nos também de um *“novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade”*.

Em João capítulo 3, Nicodemos foi advertido de que a sua grande necessidade era nascer inteiramente de novo. Sem ser assim, embora ele fosse uma pessoa religiosa, não poderia ver e nem entrar no reino de Deus. Assim, pois, vemos que Deus põe alguma coisa *“nova”* no próprio *“manancial”* do ser moral do homem.

O prato de Eliseu estava cheio de sal. Este grande preservativo tipifica o poder que nos separa do mal e o conserva afastado. Só quando nascemos do Espírito passamos a possuir isto. O homem simplesmente religioso pode, é verdade, escapar às *“poluições do mundo, através do*

conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”, mas está sempre em perigo de se ver novamente envolvido pelas suas teias. Não há nele verdadeira capacidade de resistência moral e lhe sucede acontecer o que diz o provérbio: *“O cão voltou ao seu próprio vômito; e a porca lavada a revolver-se no lamaçal”* (2ª Pedro 2.20-22). Porém, o homem verdadeiramente nascido do Espírito livra-se *“da corrupção das paixões que há no mundo”* (2ª Pedro 1.4), o que é uma coisa muito mais profunda do que as *poluições* do mundo, que são apenas externas.

Em Jericó, após a aplicação do sal, seguiu-se produção de fruto. Do mesmo modo em nosso caso, *“tendo sal em nós mesmos”* (Marcos 9.50), nos é dado o poder de produzir fruto para Deus no meio de um mundo estéril.

* * *

5

O JULGAMENTO DOS ZOMBADORES

É só em Betel que encontramos Eliseu invocando castigo sobre os seus inimigos (2º Reis 2.23-24). A graça escarnecida e rejeitada tem de ser necessariamente vingada, seja sob que dispensação for.

Os homens desta época do Cristianismo estão ainda em perigo mais grave do que os rapazes de Betel. *“Rapazes pequenos”* ou *“rapazinhos”* é uma tradução inadequada e enganadora. Em muitas outras passagens do Velho Testamento, a mesma palavra hebraica é traduzida por *“homens novos, jovens”*.

Betel, *“casa de Deus”*, tinha-se transformado verdadeiramente em Bete-Áven, *“casa de loucura”*, quando o venerando servo de Deus podia ser assim escarnecido com o grito zombador: *“Sobe, calvo! Sobe, calvo!”*.

Nem um sequer dos sacerdotes de Jeroboão se interpôs para proteger o mensageiro do Senhor. De fato, como poderia se esperar uma coisa dessas? Que importância ligavam eles à maravilhosa história do arrebatamento pelo Senhor do Seu desprezado profeta Elias? Nenhuma.

Assim também nenhuma importância davam à nova testemunha que Deus colocara no lugar de Elias.

Foi por isso que Eliseu se voltou e, olhando para os seus atormentadores, “os amaldiçoou em nome do Senhor”. E o cronista acrescenta: “Então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois deles”. Não nos é explicado se “despedaçaram” significa “mataram” ou simplesmente “feriram”.

É uma coisa terrível contender com Deus. O pesado julgamento de 2º Reis 1, quando dois capitães, com os seus cinquenta homens cada um, foram mortos pela sua impiedade, não serviu de lição aos zombadores de Betel. Quantas vezes se despreza a vara da correção divina! Mas, por muito paciente que Deus seja, certamente o Seu julgamento cairá nesta dispensação como caiu nas outras.

* * *

6

OS TRÊS REIS

Havia três reis que se encontravam em grandes dificuldades; dois deles eram homens ímpios e o outro, um servo do Senhor (2º Reis 3).

Jorão, rei de Israel, pelo menos professava ser religioso. Quando lhe convinha, era capaz de se vestir de pano de saco, usar o nome do Senhor (2º Reis 6.27-30) e até acabar com alguns dos piores males introduzidos pelos seus antecessores (2º Reis 3.2). O rei de Edom era simplesmente um rei mundano, sem quaisquer pretensões à religiosidade. Como poderia Josafá, rei de Judá, associar-se a estes dois e esperar auxílio ou bênção do Senhor?

Não era esta a primeira nem a segunda vez que ele, fraco de vontade, se tinha aliado a homens ímpios. Quando voltou de ajudar a Acabe, em Ramote-Gileade, o profeta o repreendeu, dizendo: “*Devias tu ajudar ao perverso e amar aqueles que aborrecem ao Senhor?*” (2º Crônicas 19.2). Quando ele se ajuntou a Acazias numa empresa comercial foi informado por um profeta que o Senhor despedaçaria os

seus navios, catástrofe que, mais tarde, se verificou (2º Crônicas 20.25-37).

O que é muitíssimo necessário entre os filhos de Deus é energia espiritual para que digam “NÃO”, custe o que custar, quando convidados pelo mundo a cooperar nas suas empresas, seja qual for o caráter delas.

Os três reis procuraram subjugar Mesa, rei de Moabe, que tinha repudiado o domínio do rei de Israel, após a morte de Acabe. Em vez de examinar a sua consciência perante Deus e de ver porque se permitira que isto acontecesse, Jorão recorreu à força.

É este o único remédio que os homens, destituídos do conhecimento de Deus, conhecem. Quando Josafá foi convidado a ajudá-lo, a sua resposta foi: *“Serei como tu és, o meu povo, como o teu povo, os meus cavalos, como os teus cavalos”*. Oh, que vergonha! Não deveria antes ele responder: *“Pela graça de Deus, não serei o que tu és!”*?

Os reis aliados tomaram um caminho tortuoso a fim de evitar as cidades fortificadas dos moabitas e eis que se encontram sem água para os seus exércitos. Jorão, desesperado, exclamou: *“Ai! O Senhor chamou a estes três reis para os entregar nas mãos de Moabe”*. Josafá então perguntou se havia ali algum profeta do Senhor para que, através dele, consultassem ao Senhor. Como um dos servos do rei de Israel respondesse que Eliseu estava perto dali, os três reis foram ter com ele, depois de Josafá ter dito: *“Está com ele a palavra do Senhor”*.

Se o rei de Judá tivesse examinado a Palavra de Deus, antes de se arriscar, não se veria naqueles apuros. De princípio, Eliseu disse a Jorão que fosse ter com os profetas de seu pai e de sua mãe, sabendo bem que o que ele procurava era água e não Deus, mas, por fim, disse: *“Tão certo como vive o Senhor dos Exércitos, em cuja presença estou, se eu não respeitasse a presença de Josafá, rei de Judá, não te daria atenção, nem te contemplaria”*. Eliseu fazia distinção entre aquele filho de Deus (apesar de sua condição caída) e os ímpios a quem se tinha associado.

As palavras que em seguida proferiu são dignas de nota: *“Ora, pois, trouxe-me um tangedor”*. Porquê? O fato é que o seu espírito se sentia como que paralisado enquanto aqueles homens injustos estavam perante si e ele sentia que era necessário abstrair-se a fim de entrar em contato com Deus. Que lição temos aqui! Ah, se todos a compreendêssemos! Quão diferente teria sido a vida de Josafá se ele a tivesse entendido! Enquanto o tangedor tocava, a mão do Senhor veio sobre Eliseu e ele disse: *“Assim diz o Senhor: Fazei, neste vale, covas e covas...”*. Depois disto ter sido feito, o vale encher-se-ia de água, o suficiente para os homens e os animais. Além disso, seguir-se-ia a vitória sobre o rebelde

Moabe. Que bom é o nosso Deus! Que grande apelo às consciências daqueles reis confederados!

A maneira como Deus abençoou nesta ocasião contém alguns princípios muito importantes. Note-se, a cena é o vale. O lugar baixo é o lugar de arrependimento e de exame pessoal. Quando o povo de Deus se humilha suficientemente diante dEle, nunca falta a bênção. É necessário fazer até covas para receber e guardar o que Deus tem para nos dar. Quanto mais fundas fossem as covas, mais energia se teria usado para as fazer e mais água ali caberia e maior seria a bênção do Senhor.

Há uma necessidade tremenda em nossos dias de trabalho de pá e enxada. Irmãos, há muita terra a retirar antes que a bênção de Deus possa, de fato, encher as nossas almas. Ousaremos nós negar que a terra tem tomado conta de nós? Não terá a extraordinária prosperidade destes últimos anos afetado adversamente os próprios escolhidos de Deus? É possível que Deus agora a esteja tirando a fim de tornar a elevar as nossas almas. O único e verdadeiro objetivo do cristão deve ser Cristo. O crente pertence não a este mundo de pecado e morte, mas àquele mundo de vida e glória, onde Cristo está.

Pelo poder do Espírito Santo já podemos entrar no gozo das coisas invisíveis e eternas, mas as preocupações do mundo são um grande impedimento para que o façamos.

A bênção veio *“pela manhã, ao apresentar-se a oferta de manjares”* (9 horas da manhã). Encontramos frequentemente nas Escrituras a bênção sendo concedida na hora do sacrifício (1º Reis 18.36; Esdras 9.5; Daniel 9.21; Atos 2.15; 3.1; 10.3). Deus nada tem de melhor para o homem fora da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

O trabalho que Deus realizou a favor dos três reis dividia-se em duas partes:

1ª) Água para eles e para os seus exércitos;

2ª) Vitória sobre o inimigo.

“Isto ainda é pouco aos olhos do Senhor; de maneira que também entregará Moabe nas vossas mãos”. Restaurar o exército era apenas um meio para atingir um fim. Semelhantemente, nos dias de hoje, o trabalho do Espírito Santo significa muito mais do que o aperfeiçoamento dos crentes. O Espírito, na verdade, vai maravilhosamente ao encontro das nossas necessidades, apresentando constantemente Cristo às nossas almas, censurando-nos e trazendo-nos ao bom caminho sempre que nos afastamos, mas Ele faz muito mais do que isto. Fortalece-nos para o Senhor, para que possamos combater vitoriosamente contra os Seus e os

nossos inimigos. A vida do crente deve ser caracterizada pela vitória, desde o seu início até ao fim.

Após a derrota de Moabe, foi dito aos três reis: *“Ferireis todas as cidades fortificadas e todas as cidades principais, e todas as boas árvores cortareis, e tapareis todas as fontes de água, e danificareis com pedras todos os bons campos”*. Um julgamento implacável, sem dúvida.

A lição para nós é bem clara. A nossa única salvação está em derrubar, por nós mesmos, tudo aquilo em que a nossa carne possa gloriar-se ou deleitar-se, pois Deus quer que encontremos tudo em Cristo, não ousando dar oportunidade a qualquer coisa que possa afastar os nossos corações dEle.

* * *

7

A BOTIJA DE AZEITE

Em 2º Reis capítulo 3, temos Eliseu atendendo às necessidades de reis; no capítulo 4, versos 1 a 7, ele ministra às necessidades de uma viúva e de seus filhos. Há lugar na compaixão divina tanto para os mais proeminentes quanto para os mais humildes. É interessante notar que, tanto Elisa como Eliseu, tiveram que se relacionar com uma viúva e, em ambos os casos, um pouco de azeite numa vasilha constituía um elemento importante das suas posses terrenas.

Em 2º Reis 4.1, lemos: *“Certa mulher, das mulheres dos discípulos dos profetas, clamou a Eliseu, dizendo: Meu marido, teu servo, morreu; e tu sabes que ele temia ao Senhor. É chegado o credor para levar os meus dois filhos para lhe serem escravos.”*

Eis aqui uma história que dá dó, uma história que nos sugere os mesmos pensamentos que levaram Asafe à beira da infidelidade (Salmos 73). O fato dos justos sofrerem, enquanto os ímpios prosperam, tem sido frequentemente um enigma doloroso para muitos corações provados.

No caso que temos perante nós, a viúva dava ênfase ao fato de seu marido ser temente ao Senhor e, apesar disso, ter sido ceifado de perto

dela pela morte, nada deixando atrás de si, a não ser dívidas, e, tanto quanto se podia calcular, conseqüentemente servidão para seus filhos.

A descrença tem a tendência de clamar em tais circunstâncias: *“Todas estas coisas me sobrevêm”* (Gênesis 42.36). Mas a fé, tranquilamente, responde: *“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito”* (Romanos 8.28).

Quanto maior é a emergência, tanto maior é a oportunidade de Deus Se revelar a favor do Seu povo. Quando os homens de Israel exageravam o valor das nações de Canaã, Josué e Calebe, que eram verdadeiramente homens de fé, disseram: *“Como pão, os podemos devorar;... o Senhor é conosco; não os temais”* (Números 14.9). Realmente, pão! Pois cada dificuldade vencida pela fé em Deus dá força e sustento à alma. O nosso Deus opera prodígios e é capaz de fazer com que *“do comedor saia comida e do forte saia doçura”* (Juizes 14.14). É uma bendita realidade ter relações com Deus. *“É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que Se torna galardoador dos que O buscam”* (Hebreus 11.6).

A viúva, cuja história vem narrada neste capítulo que estamos considerando, é uma prova bendita de que isto é verdade. Notemos que, na sua dificuldade, ela procurou ajuda do *“homem de Deus”*. Esta designação é mais frequentemente aplicada a Eliseu do que a qualquer outra personagem da Sagrada Escritura. Setenta vezes se encontra esta expressão *“homem de Deus”* no Velho Testamento, vinte e duas das quais referindo-se a Eliseu.

Que devemos entender por este título? Será o equivalente a *“santo”* e, portanto, aplicável a qualquer que é nascido do Espírito? O fato da Escritura empregar este termo tão raramente impede que pensemos assim. Primeiramente, é aplicado a Moisés em Deuteronômio 33.1. Esta passagem dá-nos a chave do seu significado.

Moisés foi um homem que se afastou inteiramente do mundo, renunciando por completo a todas as suas honras e vantagens, a fim de se dedicar de alma e coração ao Senhor. Só pessoas assim é que podem ser justamente consideradas homens ou mulheres de Deus. No meio da derrocada e da degeneração geral, o homem de Deus é o instrumento de emergência com o qual o Senhor pode contar. Todos nós temos a possibilidade de ocupar esta posição privilegiada, se os nossos corações ansiarem por isso. Hoje em dia, a Igreja necessita de *“homens de Deus”*.

Mas o que tinha Eliseu para a pobre viúva? Nada, se considerarmos apenas os seus próprios recursos e, no entanto, ele mais do que satisfiz

a sua necessidade. Ele poderia ter dito, como o apóstolo: *“Pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo”* (2ª Coríntios 6.10).

E que temos nós para satisfazer as necessidades das almas? Aquilo que a nossa bolsa contém pouco interessa; a questão é o que temos nós em nosso coração? Graças a Deus porque temos nele algo que pode ir ao encontro da maior necessidade do coração humano, sob qualquer forma que ela se apresente. *“Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, Ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”* (2ª Coríntios 4.6).

Assim, os nossos corações foram esclarecidos pelo conhecimento de Deus e esse conhecimento de nós deve ser irradiado para outros. Nisto se encontra uma imensa oportunidade de utilidade espiritual num mundo árido.

Porém, Eliseu perguntou à mulher: *“Dize-me o que é que tens em casa”*. E ela respondeu: *“Tua serva não tem nada em casa, senão uma botija de azeite”*. Mas, embora a viúva o não suspeitasse, havia grande poder numa botija de azeite.

Falte-nos o que faltar, cada crente tem a sua botija de azeite. Em outras palavras, cada crente tem dentro de si o poder do Espírito Santo. Usemo-lo pela fé e veremos que todas as nossas dificuldades se desvanecem. Assim, a viúva teve de pedir emprestadas bastantes vasilhas das suas vizinhas. *“Então, entra e fecha a porta sobre ti e sobre teus filhos, e deita o teu azeite em todas aquelas vasilhas; põe à parte a que estiver cheia”*.

Imaginemos a cena naquela humilde casa. Que perspectivas teria a viúva diante de si naquele dia? Apenas um pequeno vaso de azeite, uma porção de vasilhas vazias e dois pobres rapazes órfãos destinados à escravidão. Isto era o que os olhos contemplavam, mas havia mais alguma coisa que a vista natural não podia ver – Deus.

Em Mateus 6.1-18 nos é dito que os olhos do Pai nos contemplam e nos versículos 19-34 que, conseqüentemente, os nossos próprios olhos deveriam estar unicamente concentrados sobre Ele. Só assim se encontram descanso e paz.

Agora, observemos uma coisa notável. O azeite corria enquanto houvesse vasilhas para o receber. Foi só quando um dos filhos disse: *“Não há mais vasilha nenhuma”* que o azeite deixou de correr.

Que maravilhosa lição temos aqui! No capítulo 3, os reis obtiveram água conforme a profundidade das covas que tinham aberto. No capítulo 13 e verso 18, Jooás, rei de Israel, perdeu a melhor oportunidade da sua

vida quando, na presença do profeta moribundo, e sabendo perfeitamente que o que fizesse naquele dia seria de grande importância, feriu a terra apenas três vezes, o que significava três vitórias sobre os seus inimigos, em vez de seu aniquilamento total. Abraão, em Gênesis 18, quando fazia intercessão pelas pecaminosas cidades da planície, parou ao chegar a 10 pessoas, embora Deus não tivesse revelado cansaço em ouvir a voz do Seu servo. Ah, sim! É sempre o homem que limita a bênção. “Muitas vezes não acreditamos que Deus, quando dá, é Deus dando”.

A necessidade da viúva agora estava satisfeita e o profeta lhe disse: *“Vai, vende o azeite e paga a tua dívida; e tu e teus filhos vivei do resto”*.

Irmãos, temos uma dívida a pagar, o que só podemos fazer mediante o poder do Espírito Santo. Era isto que Paulo sentia quando escrevia em Romanos 1.14: *“Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”*. Como ele pagou esta dívida nos é descrito em Romanos 15.19: *“Por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o Evangelho de Cristo”*.

Até que ponto temos nós entrado no estado de espírito do dedicado apóstolo, conforme nos é expresso nestas palavras? O frio princípio do ministério formal do Evangelho tem indubitavelmente prejudicado o zelo de muitos filhos de Deus. O que é preciso é que enchamos as nossas almas tão bem das coisas que professamos crer que os nossos lábios tenham que falar delas. É como Pedro e João disseram perante o sinédrio: *“Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos”* (Atos 4.20) E ainda como Paulo também exclamava em 2ª Coríntios 4.13: *“Nós cremos; por isso, também falamos”*.

O crente que está profundamente convencido da verdade da fé cristã e que sente a grande necessidade que a humanidade tem de conhecê-la procurará, sem dúvida, “pagar a sua dívida”. E, para isto, o poder do Espírito Santo é divinamente suficiente.

Mas Eliseu acrescentou: *“Tu e teus filhos vivei do resto”*. Embora o testemunho perante outros seja importante, todavia não é tudo. Há uma vida para ser vivida, com todas as suas duras realidades e condições variadas. Para as enfrentar, nenhum de nós possui a menor partícula de poder em si mesmo. Mas o poder do Espírito Deus é o nosso auxílio. Ele faz com que possamos adorar, sofrer e dar fruto em todas as estações. *“Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne”* (Gálatas 5.16).

A SUNAMITA

O adjetivo “grande” ou “grave” aplicado em certas versões à mulher de Suném, sem dúvida, se refere, em primeiro lugar, à sua posição como uma mulher “rica”, mas ela era também grande naquilo que, de fato, conta perante Deus – fé (2º Reis 4.8). Só por este fato já ela era notável na sua época. Encontramos uma porção de “grandes” perante Deus em Hebreus 11 – homens e mulheres “*dos quais o mundo não era digno*”.

Espiritualmente, a sunamita era superior à viúva de Sarepta, pois percebeu que Eliseu era um homem de Deus antes de ele ter feito qualquer milagre, enquanto que a viúva de Sarepta só chegou à mesma conclusão a respeito de Elias depois de ele ter feito um milagre (1º Reis 17.24). “*Vejo que este que passa sempre por nós é santo homem de Deus*”, disse a mulher em 2º Reis 4.9. Ah, se nós fôssemos dotados de mais percepção espiritual!

Sendo amante da hospitalidade, a sunamita frequentemente recebia Eliseu em sua casa. Aqueles que não podem prestar as devidas atenções ao próprio Filho de Deus sempre podem oferecer os seus préstimos àqueles que O representam, se o seu coração os levar a isso, e isto é bom e aceitável perante Deus (1ª Timóteo 3.2; 5.10).

Foi a sua observação da vida de Eliseu que fez com que a sunamita dissesse a seu marido: “*Vejo que este que passa sempre por nós é santo homem de Deus*”. É bom quando os modos de uma pessoa dão assim testemunho de Deus.

O apóstolo podia lembrar aos tessalonicenses a maneira como ele e os seus colaboradores tinham vivido entre eles, por amor a eles. Na verdade, ele podia dizer: “*Vós e Deus sois testemunhas do modo por que piedosa, justa e irrepreensivelmente procedemos em relação a vós outros, que credes*” (1ª Tessalonicenses 1.5; 2.10).

Escrevendo a Timóteo, ele podia recomendar, não só a sua doutrina, que era sã, mas também o seu “*ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança*” (2ª Timóteo 3.10).

Na sua última conversa com seus amigos efésios, ele pôde evocar toda a sua carreira entre eles como sendo, a todos os respeitos, digna de ser imitada (Atos 20.18-35), Fiel servo! Verdadeiro embaixador do Cristo ausente!

Um dia, quando Eliseu estava em casa da sunamita, ordenou a Geazi, seu servo, que a chamasse e exprimiu-lhe o desejo de fazer qualquer coisa por ela, em gratidão pelas muitas amabilidades de que lhe era devedor. *“Haverá alguma coisa de que se fale a teu favor ao rei ou ao comandante do exército?”*. Possivelmente, os serviços prestados por Eliseu quando da expedição contra Moabe tinham-lhe dado alguma influência na Corte. A resposta da mulher foi excelente: *“Habito no meio do meu povo”*. Honras mundanas não a atraíam; amava a simplicidade de tudo que a cercava.

Como responderíamos nós se estivéssemos em seu lugar? Que valor tem o mundo para nós? Muito ou nenhum? Desejaríamos que se falasse por nós ao rei?

Para o crente, *“meu povo”* significa a Igreja. Será de fato nela que nós achamos as nossas alegrias mais profundas, embora a Igreja seja composta dos *“pobres do rebanho”*, os fracos, os desprezíveis, os vis, etc. (1ª Coríntios 1.26-29)? Às vezes, comete-se o erro de encarar os nossos irmãos como eles são de fato, em vez de os vermos à luz da infinita graça de Deus. O que eles são perante Cristo e o fato de Ele Se encontrar no seu meio deveria ser o suficiente para os tornar mais queridos do que qualquer outra coisa aos nossos corações. Quão felizes seremos se as nossas almas estiverem tão completamente satisfeitas com a comunhão dos santos que cada um de nós possa responder em quaisquer circunstâncias: *“Habito no meio do meu povo”*. O lugar mais próprio e mais seguro para todos nós é à sombra do Senhor, separados do mundo.

Se as honras mundanas nada valiam para a sunamita, as suas alegrias familiares iam ser aumentadas. Foi assim que Eliseu lhe prometeu um filho que, no tempo devido, nasceu realmente. Seguiram-se alguns anos de felicidade doméstica e então a sombra da morte penetrou naquele lar. O falecimento do rapazinho, porém, revelou quanta nobreza espiritual existia naquela mãe. O seu silêncio para com o seu marido, acerca da grande dor que a atingiu, sugere-nos que, ou ele não era um filho de Deus como sua mulher, ou então a sua fé ainda não tinha atingido o nível da fé dela.

Ei-la caminhando rapidamente através da planície de Jezreel (talvez uns 45 quilômetros) a fim de derramar a sua aflição aos pés do homem de Deus, no Monte Carmelo.

Tal era a sua confiança em Deus que, em resposta à pergunta: “*Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino?*” ela respondeu: “*Tudo bem*”.

Irmãos, vai sempre bem. “*Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito*” (Romanos 8.28).

Contrariamente ao princípio expresso em Amós 3.7, o Senhor achou por bem não comunicar antecipadamente a Eliseu o objetivo da visita da mulher. Assim que o profeta soube o que se tinha passado, ordenou a Geazi que tomasse o seu bordão e fosse e o colocasse sobre a face da criança.

Apesar de ser bem intencionado, isso não satisfaz a sunamita, que disse ao profeta: “*Tão certo como vive o Senhor e vive a tua alma, não te deixarei*”. Ela preferia a pessoa vivente a um bordão inanimado, embora este último fosse um símbolo de poder.

Talvez Eliseu a estivesse experimentando, assim como Elias o experimentara no dia em que seu antecessor era arrebatado. Se assim era, a fé dela respondeu com nobreza. Ah, quantos em nossos dias se agarram a formalidades mortas, a sacramentos, e esquecem-se da Pessoa viva de Cristo!

A caminho de Suném, o profeta e a mãe da criança cruzaram-se com Geazi, que já vinha de volta, e que lhes disse: “*O menino não despertou*”. Chegando à casa, Eliseu subiu e deitou-se sobre o menino e a carne do menino aqueceu. E é também assim, em contacto com o Cristo vivo, que podemos ter vida e sustentar a que recebemos.

“*Chama a sunamita*”, disse Eliseu a Geazi. “*Toma o teu filho*”, disse ele à mãe da criança. “*Ela entrou, lançou-se aos pés dele e prostrou-se em terra; tomou o seu filho e saiu*”. A cena é cheia de grandeza moral. Não houve da parte dela expressões de arrebatamento ou surpresa ao ver o que tinha acontecido; ela já o esperava. A sua fé tinha-se apoderado do Deus da Ressurreição. “*Pela fé... mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos*” (Hebreus 11.35). A sunamita apenas pôde cair aos pés daquele que tinha restituído o seu filho à vida.

Semelhantemente, nós nos prostramos perante Aquele que esmagou o poder da morte por amor a nós e que nos assegurou vida para todo o sempre.

* * *

A MORTE NA PANELA

Este incidente, e o que se lhe segue, dão-nos, por assim dizer, um quadro típico da história da humanidade desde a Criação até ao Milênio. Os dois livramentos realizados pelo homem de Deus tipificam Cristo nas Suas duas vindas.

“Voltou Eliseu para Gilgal” (2º Reis 4.38). Gilgal era originalmente um lugar de bênção. Ali a presença e o poder de Deus foram experimentados por Israel de um modo notável. O mundo também já pôde ser descrito assim, e ainda o seria se não fosse a queda do homem.

Tendo-se os discípulos dos profetas sentado em torno de Eliseu, disse este ao seu servo: *“Põe a panela grande ao lume e faze um cozinhado para os discípulos dos profetas”*.

“Então, saiu um ao campo a apanhar ervas e achou uma trepadeira silvestre; e, colhendo dela, encheu a sua capa de colocintidas; voltou e cortou-as em pedaços, pondo-os na panela, visto que não as conheciam”.

A parra brava era venenosa; o homem tinha apanhado uma porção de colocintidas, uma espécie de pepino bravo, com aparência de uma videira. Os seus olhos o enganaram e colocou um elemento mortal na comida dos seus companheiros.

Como isto se parece com o que aconteceu no Éden! A árvore proibida era agradável à vista e sob todos os aspectos tão apetitosa que a mulher cedeu à tentação do Maligno e comeu dela, *“e deu também ao marido, e ele comeu”* (Gênesis 3.6). O resultado foi a morte. Romanos 5.12 nos diz: *“Por um só homem entrou o pecado e, pelo pecado, a morte”*. *“Morte na panela, ó homem de Deus!”*, clamaram os discípulos dos profetas.

Mas o remédio estava bem perto, pois Deus é bom e não deseja a morte de ninguém. Eliseu disse: *“Trazei farinha. Ele a deitou na panela e disse: Tira de comer para o povo. E já não havia mal nenhum na panela”*.

A farinha (como nos sacrifícios dos levitas) tipifica Cristo. É Ele o grande remédio de Deus para todo o mal que o pecado do homem trouxe a este mundo. *“Onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça*

pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Romanos 5.20-21).

A Sua morte é a nossa libertação da velha ordem de coisas, do pecado a que outrora pertencíamos; tornou-Se o único meio de vida para nós; e, desde que Cristo ressuscitou, a vida eterna pertence-nos. Pertencemos a uma outra existência onde a morte nunca pode entrar e onde o poder de Satanás é desconhecido.

Para o crente, durante a sua peregrinação neste mundo, há sempre *“fome na terra”*. Não há absolutamente nada que possa satisfazer o novo homem. Seja o que for que os homens procurem para sua própria satisfação, há sempre *“morte na panela”*. Mesmo as coisas mais simples que idealizam saem sempre estragadas. Ciência, arte, música, todas estas ocupações com que os homens tentam se deleitar, e que não são necessariamente pecaminosas, no entanto contêm em si elementos de morte, como muitos crentes descuidados já têm provado com prejuízo seu.

Só quando se deita *“farinha”* é que qualquer coisa se torna capaz, segura, para o povo de Deus. Tudo o que é terreno e que nós nos aventuramos a usar sem Cristo é para o nosso próprio prejuízo. Quando aprenderemos nós e nossos filhos esta lição? Quantas testemunhas que já foram fiéis fogem despedaçadas, perdidas, sobre os rochedos deste mundo por falta de vigilância e cuidado? E quantos filhos de crentes caminharam para a ruína espiritual pelo mesmo motivo?

Há *“morte na panela”* para onde quer que nos voltemos e onde Cristo não esteja e, no entanto, quantas vezes nos esquecemos disso!

* * *

10

AS PRIMÍCIAS

O incidente da alimentação dos cem homens segue-se mui apropriadamente. Estes dois acontecimentos parecem destinados a ser considerados em conjunto, pois, tanto num quanto no outro, o milagre se relaciona com comida.

“Veio um homem de Baal-Salisa e trouxe ao homem de Deus pães das primícias, vinte pães de cevada, e espigas verdes no seu alforje. Disse Eliseu: Dá ao povo para que coma. Porém seu servo disse: Como hei de eu pôr isto diante de cem homens? Ele tornou a dizer: Dá-o ao povo, para que coma; porque assim diz o Senhor: Comerão e sobejará. Então, lhos pôs diante; comeram e ainda sobrou, conforme a palavra do Senhor” (2º Reis 4.42-44).

As primícias eram propriamente a porção dos sacerdotes (Números 18.8-12), mas tudo estava em desordem em Israel. Os filhos de Aarão estavam exilados e os sacerdotes de Jeroboão estavam oficiando em seu lugar em altares idólatras. Assim, as primícias foram apresentadas ao homem de Deus como sendo o verdadeiro representante do Senhor em Israel.

Observe-se que a oferta veio de Baal-Salisa. Do lugar onde habitava Baal, onde Satanás reinava, foi trazida uma oferta ao Senhor.

Assim será também por ocasião do Milênio. Este pobre mundo, onde se encontra agora o trono de Satanás, ainda dará a sua oferta ao Senhor. O usurpador está condenado a ser derrubado em breve, para que o beneplácito do Filho de Deus se cumpra no lugar de glória e de poder. *“O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto” (Isaiás 9.7).*

Então chegara a hora do alimento. Já não haverá *“fome na terra”*, nem *“morte na panela”*. De Sião está escrito: *“Abençoarei com abundância o seu mantimento e de pão fartarei os seus pobres” (Salmo 132.15).*

O Senhor Jesus deu um exemplo disso quando deu de comer aos cinco mil. O povo ficou tão entusiasmado, depois de presenciar esta maravilha, que estava disposto a tomá-lo à força e fazê-lo rei (João 6.15). Ele, porém, recusou-se a ceder ao desejo do povo e retirou-se sozinho para as montanhas.

Quando a hora do Reino chegar, Ele não o receberá nem dos homens e nem de Satanás, mas do Pai, o único que tem autoridade para o entregar a alguém.

Nos dias de Eliseu, *“comeram e ainda sobrou, conforme a palavra do Senhor”*. Nos dias do Milênio, *“haja na terra abundância de cereais, que ondulem até aos cumes dos montes [certamente um lugar inesperado]; seja a sua messe como o Líbano” (Salmo 72.16).*

A Israel *“jurou o Senhor pela Sua mão direita e pelo Seu braço poderoso: Nunca mais darei o teu cereal por sustento aos teus inimigos, nem os estrangeiros beberão o teu vinho, fruto de tuas fadigas. Mas os que o ajuntarem o comerão e louvarão ao Senhor; e os que o recolherem beberão nos átrios do Meu santuário” (Isaiás 62.8-9).*

Que felicidade quando todos os males de Israel e das nações forem sanados e todas as necessidades dos homens forem satisfeitas! Mas isto só acontecerá depois da manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

11

NAAMÃ, O SÍRIO

Há dois homens com este nome na Sagrada Escritura; um, filho de Benjamim e o outro, um oficial sírio (Gênesis 46.21; 2º Reis 5).

Sem dúvida que, sob o acanhado ponto de vista dos judeus, o benjamita era muito mais perante Deus do que o gentio e, de fato, a audiência que ouviu nosso Senhor na sinagoga de Nazaré ficou tão enraivecida ao ouvi-lo mencionar ao sírio que, imediatamente, O expulsaram (Lucas 4.29).

O Senhor Jesus citou este caso para mostrar que, no coração de Deus, há bondade até para os gentios e que, se o povo de Israel O rejeitasse, isso faria com que a divina graça fosse desviada na sua direção.

Foi assim que a bênção de Deus chegou até nós, tanto ao que escreve, quanto ao que lê estas linhas.

Em Naamã temos o homem no seu apogeu: acompanhado pelo sucesso em suas empresas, altamente estimado pelo seu senhor e evidentemente capaz de conquistar as afeições também dos que o serviam. Mas tudo isto era ofuscado pelo terrível mal que o afligia, pois era leproso. Os seus inimigos tremiam diante dele; perante este inimigo, porém, era uma vítima indefesa.

A lepra sempre foi na Escritura um símbolo do pecado, essa terrível doença moral que torna cada um de nós incapaz de entrar na presença divina e da qual, por nós mesmos, não nos podemos livrar.

A menina cativa é uma figura atraente; era uma verdadeira filha da fé. É notável a sua doçura de espírito. Embora ela mesma fosse uma vítima das operações militares de Naamã, nenhum sentimento de rancor

existia no seu coração. Os seus sofrimentos foram a causa de bênção para outros.

Quase que poderia dizer com o apóstolo em 2ª Coríntios 1.6: “*Se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação*”. Convencida de que havia lugar para o gentio no coração de Deus, e desejosa de que o seu senhor fosse também abençoado, disse: “*Tomara o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra*”.

Mas quando é que se viu Deus fazer uma coisa dessas? Desde o dia em que foi escrito o versículo 14 do capítulo 12 de Levítico, não há memória de nenhum caso de cura de um leproso. Mesmo naquela altura, havia muitos leprosos em Israel (Lucas 4.27) e nenhum deles foi limpo. Ocorre-nos o caso de Abraão no Monte Moriá, que considerou que Deus era poderoso para ressuscitar Isaque dentre os mortos, embora nunca se tivesse verificado nenhum caso desses desde a fundação do mundo (Hebreus 11.19). É uma bênção para nós vermos a confiança que a fé tem em Deus. A fé recusa-se a crer que haja qualquer coisa que Lhe seja impossível realizar.

Mas Naamã não conhecia a Deus, como O conhecia a sua serva. Então ele se muniu de uma carta do seu próprio soberano endereçada ao rei de Israel. A cura, se se efetuasse, seria realizada por vias oficiais, com a devida pompa e cerimônia. A sua serva, todavia, nada tinha dito acerca do rei de Israel.

Este último ficou alarmado com a carta, suspeitando que fosse um pretexto para desavença. Ora, isto era vergonhoso para Jorão. O Senhor teve muito trabalho para convencer este homem de que Ele é Deus. Será que o rei já se tinha esquecido da água (2º Reis 3.20) em pleno deserto? Não tinha dito o Senhor: “*Eu mato e Eu faço viver; Eu firo e Eu saró*” (Deuteronômio 32.39). Porque não pensou Jorão logo no profeta de Deus? Ah, por mui abundantes que sejam as bênçãos divinas, a carne não deseja aprender lições!

Quantas vezes em nossos dias as almas se voltam para alvos errados na ânsia pelo que é bom! Mandamentos humanos, sacramentos..., tudo menos o Enviado de Deus!

Porém, eis que Naamã se encontra agora à porta de Eliseu. O profeta, ao saber da preocupação do rei, enviara-lhe um mensageiro, dizendo: “*Por que rasgaste as tuas vestes? Deixa-o vir a mim, e saberá que há profeta em Israel*”.

Eis o famoso capitão à porta do profeta. Ele tinha as suas próprias ideias acerca do modo como a cura deveria ser feita e estava pronto a

pagar uma boa quantia para alcançar esta bênção. Já se tinha humilhado bastante, ao seu entender, para ser abençoado. Estava seguindo os conselhos de uma simples criada, estava procurando obter um favor de um inimigo vencido e, por último, tinha ido, com os seus acompanhantes, à modesta casa de Eliseu. Certamente, não se poderia esperar mais condescendência do que aquela de que já tinha dado provas. Mas teve que descer ainda mais baixo antes que Deus o abençoasse.

Em todas as épocas sempre foi muito desagradável para a carne se humilhar. Uma peregrinação fatigante, um voto opressor ou uma grande quantia agradam hoje mais à carne do que as simples condições impostas por Deus de salvação pela graça, apenas, pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Os processos inventados pelo homem dão ainda mais orgulho à carne. Mas o plano de Deus é justamente humilhá-la “a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1^a Coríntios 1.29).

Foi uma tremenda decepção para Naamã quando o profeta lhe mandou o mensageiro com o recado: *“Vai, lava-te sete vezes no Jordão e a tua carne será restaurada, e ficarás limpo”*. Isto era demais! O sírio sentiu-se ofendido e, colérico, antes de partir, disse: *“Pensava eu que ele sairia a ter comigo, por-se-ia de pé, invocaria o nome do Senhor seu Deus, moveria a mão sobre o lugar da lepra e restauraria o leproso”*.

Todos nós temos as nossas ideias acerca de como Deus deveria agir. Mas Ele disse: *“Os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os Meus caminhos”* (Isaías 55.8). Quão bom é chegarmos ao fim dos nossos próprios recursos e abandonarmos o “eu pensava” de uma vez para sempre! Só então é que a alma começa a aprender.

Se os homens de Israel sentiam desprezo pelo sírio incircunciso (como se pode deduzir da ira dos homens de Nazaré nos dias de nosso Senhor), o sírio, por sua vez, pagava-lhes com a mesma moeda. Ia até ao extremo de desfazer de seus rios! *“Não são, porventura, Abana e Farfar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não poderia eu lavar-me neles e ficar limpo?”*.

Naamã deveria ficar muito grato com os seus servos por terem insistido com ele, ousando mostrar-lhe o despropósito de sua cólera. *“Se te houvesse dito o profeta alguma coisa difícil, acaso não a farias? Quanto mais, já que apenas te disse: Lava-te e ficarás limpo”*.

Vamos ao Jordão, então. Vamos pôr à prova a palavra que o Senhor falou pela boca do Seu profeta. Quando se viu a Sua palavra falhar

alguma vez? Quando é que se viu alguém que tinha arriscado muito ou pouco, ou talvez tudo, na Sua palavra ficar desapontado? *“Então, desceu e mergulhou no Jordão sete vezes, consoante a palavra do homem de Deus; e a sua carne se tornou como a carne duma criança, e ficou limpo”*.

Não interpretemos mal este símbolo. O elemento em que Naamã mergulhou era água e não sangue. A purificação pelo sangue refere-se ao que uma pessoa fez (pois só o sangue propiciador pode tirar pecados). A purificação pela água refere-se ao que uma pessoa é, como rebento, por assim dizer, de uma árvore arruinada.

No sublime plano de Deus, tanto o pecador como os seus pecados têm que desaparecer. Ora, o Jordão simboliza a morte. No quadro diante de nós, vemos o homem famoso pelos seus feitos militares, que queria comprar o dom de Deus a peso de dinheiro; o homem do “eu pensava” mergulhando na morte e perdendo para sempre a sua antiga natureza. *“A sua carne tornou-se como a carne duma criança”*. Por assim dizer, à vista de Deus, iniciou uma nova vida. Semelhantemente, *“se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”* (2ª Coríntios 5.17).

A alma crente reforça a sentença de morte sobre si mesma e, cheia de gratidão, aceita o sacrifício de Cristo como a saída do seu antigo estado pecaminoso para que, no futuro, possa andar *“em novidade de vida”* (Romanos 6.4).

O batismo refere-se a esta verdade e o crente que compreende o seu profundo significado rejubila, dizendo com o apóstolo: *“Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim”* (Gálatas 2.20).

O velho “eu” desapareceu pela fé, com tudo o que lhe dizia respeito, e só Cristo permanece.

* * *

SERÁ CONVENIENTE RECEBERMOS?

Aquele que é abençoado por Deus tem de ser necessariamente grato e os seus lábios apressam-se a publicá-lo.

Vemos assim Naamã regressando do Jordão para casa de Eliseu. Na presença de toda a sua comitiva, disse: *“Eis que, agora, reconheço que em toda a terra não há Deus, senão em Israel”* (2º Reis 5.15).

Isto já era dizer muito, para um famoso general, depois de todas as suas vitórias sobre aquele povo. Mas Deus, e não os homens, era Quem estava perante a sua alma e o Senhor tinha-se tornado a sua luz e a sua salvação. Que poderia ele fazer senão confessá-lo publicamente?

Além disso, tal era a sua gratidão que queria deixar atrás de si uma bênção material, palpável. Não tinha ele trazido dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez vestes festivas da Síria? Sem dúvida que, quando iniciou sua viagem, o que tinha em mente era o pagamento; mas, agora, o desejo de seu coração era deixar atrás de si uma prova de gratidão.

Mas as circunstâncias não permitiam que Eliseu a aceitasse. *“Tão certo como vive o Senhor, em cuja presença estou, não o aceitarei”*. Nem mesmo a insistência de Naamã fez com que ele ao menos tocasse no que Naamã tinha trazido. A cura do sírio ficaria como um exemplo da graça absolutamente livre para os gentios (uma grande lição para Israel e um testemunho notável perante as outras nações) e não deveria ser manchada por dádivas de ouro ou de prata.

Então Naamã pediu o favor de uma carga de terra de dois mulos porque, segundo ele, *“nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao Senhor”*. Desejava erguer um sinal de testemunho ao Senhor ao regressar a sua casa e não seria de pedra trabalhada (produto do esforço humano). O seu altar seria construído de terra apenas, de acordo com as instruções divinas em Êxodo 20.24.

Custasse o que custasse, ele desejava confessar o Senhor perante toda a idolatria da Síria. É esta a atitude mais agradável a Deus em todas as épocas.

Mas Naamã tinha uma dificuldade que o preocupava e a expôs com toda a franqueza perante o profeta. Os seus deveres oficiais exigiam que acompanhasse o seu soberano a adorar no templo de Rimom. Isto,

naturalmente, seria difícil para ele e pediu: *“Nisto perdoe o Senhor ao teu servo; quando o meu senhor entra na casa de Rimom para ali adorar, e ele se encosta a minha mão, e eu também me tenha de encurvar na casa de Rimom, quando assim me prostrar na casa de Rimom, nisto perdoe o Senhor ao teu servo”*. E Eliseu respondeu: *“Vai em paz”*.

Toda a alma nascida de novo tem que, mais cedo ou mais tarde, entrar em contato com o mesmo ambiente em que vivia antes. Um mestre ensinado por Deus, como Eliseu, jamais concederia tolerância em relação a assuntos duvidosos, mas opor-se-ia de igual modo a impor um peso à consciência exigindo uma promessa.

Sozinha com Deus, a alma que deseje tão somente agradar-Lhe logo aprende como convém conduzir-se e receberá graça e poder para isso. *“A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito”* (Provérbios 4.18).

E assim o sírio regressou à sua pátria. Porém, alguém ligado ao testemunho do Senhor observava com olhos cobiçosos a sua rica bagagem. Era Geazi, o servo de Eliseu. Era-lhe custoso ver uma pessoa tão bem intencionada a dar como Naamã regressar à Síria tão rica como tinha vindo de lá. *“Vive o Senhor, hei de correr atrás dele e receberei dele alguma coisa”*.

O pecado é mil vezes pior quando é feito invocando o nome do Senhor. A cobiça levou Geazi à mentira, pois é raro um pecado andar sozinho. A história inventada por Geazi acerca dos dois homens de Efraim rendeu-lhe bastante. No entanto, a estas transgressões ainda iria se juntar mais uma mentira. Ao ser interrogado por Eliseu acerca de onde tinha ido, negou que tivesse ido a parte alguma. Então seguiu-se a terrível acusação: *“Porventura, não fui contigo em espírito quando aquele homem voltou do seu carro, a encontrar-te? Era isto ocasião para tomares prata e para tomares vestes, olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas? Portanto, a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua descendência para sempre. Então, saiu de diante dele leproso, branco como a neve”*.

Geazi simboliza aqui a sua nação, professando obedecer ao Senhor, mas mostrando, pelo seu procedimento, que o seu coração estava longe dEle. Na qualidade de Sua testemunha neste mundo, Israel tem dado testemunho muito imperfeito perante os gentios (Isaías 42.8-20; 43.8-10; Romanos 2.24). Em consequência disto, a mão do Senhor tem caído sobre o Seu povo e, pelo menos na atualidade, ele foi completamente expulso da sua vocação.

O caso de Geazi faz-nos lembrar de Miriã em Números 12, que foi punida com a lepra pela sua rebelião contra Moisés, por este ter tomado

uma mulher etíope. Tanto Miriã quanto Geazi estavam em desarmonia cabal com as ideias de Deus relativas aos gentios. Os seus entendimentos mesquinhos opunham-se a que estes compartilhassem da bondade de Deus para com este povo. Pela graça do Senhor, é possível que o coração de Israel ainda venha a ser mudado e que alegremente venham a espalhar o bem por toda parte. Mas, para isto, é necessário que eles mesmos se humilhem e se reconciliem com Deus (Romanos 11.6-32).

Que o aviso nos sirva de proveito. Encontramo-nos na posição da testemunha punida e estamos neste mundo para representar o Deus compassivo que Se revelou tão maravilhosamente na pessoa de Seu Filho, Jesus Cristo. O nosso procedimento deve estar em harmonia com as nossas palavras. Se queremos que as nossas palavras tenham valor perante os homens, as nossas vidas devem falar também do Senhor. Um espírito de crítica ou de cobiça é uma contradição cabal da bondade de Deus.

O apóstolo Paulo, em Atos 20, só podia citar como exemplo o seu procedimento. Podemos nós fazer o mesmo? O ministério que lhe foi dado modelou, amoldou, a sua maneira de ser. Será assim conosco? O ministério aberto, patente, de Cristo (2ª Coríntios 3) produziu, de igual modo, um homem cujo procedimento era aberto e patente aos olhos de todos (2ª Coríntios 4), que nada tinha a esconder de Deus ou dos homens. O Senhor era verdadeiramente manifestado na sua vida e dele irradiava a luz do conhecimento da glória de Deus revelada em Jesus Cristo.

Ouçamos o seu apelo para todos nós: *“Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós”* (Filipenses 3.17) e *“sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo”* (1ª Coríntios 11.1).

* * *

13

E O FERRO FLUTUOU!

Para uma pessoa que não tenha conhecimento do Senhor pode parecer pueril introduzir a história do machado num livro de caráter tão elevado como a Bíblia. Mas o fato de ela se ocupar de pequenas coisas, enquanto nos revela as mais sublimes lições, é uma das muitas provas, para o cristão, de que a Bíblia vem realmente de Deus. É uma realidade gloriosa que a menor coisa que diga respeito aos Seus filhos neste mundo interessa Àquele a Quem servimos.

Ele sabe quantos cabelos há em nossa cabeça; Ele conta as nossas lágrimas; Ele lembrou-Se de que Paulo precisava de uma capa; e não Lhe passou despercebido que Timóteo sofria do estômago. Uma pequena escaramuça, se filhos de Deus tomarem parte nela, é mais importante aos Seus olhos do que as maiores campanhas militares, desde que não os afetem.

Eis o motivo porque a Bíblia dedica um capítulo inteiro ao ataque de Quedorlaomer à Palestina Meridional (Gênesis 14), enquanto que muitas das grandes operações militares da Antiguidade (às quais os historiadores se referem muitas vezes) nem de leve são mencionadas na Escritura.

Nestes dias materialistas em que vivemos é considerado infantil acreditar-se em milagres, como este de fazer flutuar o ferro de um machado que tinha caído ao rio, pelo simples processo de atirar à água um pedaço de madeira (2º Reis 6.1-7).

Eis aqui material para o desprezo dos orgulhosos. A narrativa, porém, para os crentes, não oferece dificuldades. Nenhuma alma reverente crê que o Criador do Universo seja restringido pelas leis naturais que Ele mesmo estabeleceu. Embora Ele permita que estas leis desempenhem as suas funções usuais, Ele tem poder para agir independentemente, ou mesmo superior a elas, sempre que isto Lhe apraz.

O milagre físico de tirar um machado, inerte das águas pode ser grande, mas o milagre moral de restaurar uma criatura morta em delitos e pecados é incomensuravelmente maior. O último é simbolizado pelo primeiro. O ferro do machado que se soltou da sua devida localização e na qual era útil, mas que depois se tornou em um estorvo, sugere de um modo notável o homem em rebelião contra o seu Criador. Se estivesse na posição que Deus lhe tinha designado originalmente seria, de fato, útil a Deus dentro do Universo; saindo dessa posição, tornou-se o instrumento mais eficiente de Satanás para o mal.

“Ai! Meu Senhor!”, clamou o pobre rachador, *“porque era emprestado”*. Perder o que pertence a outro é mais grave do que perder o

que nos pertence. Ora, tudo o que faz que o homem seja o que ele é, vem de Outro e pertence a este Outro. Ninguém possui nada a que possa efetivamente chamar seu. Esta verdade foi cruamente exposta ao licencioso Belsazar pelo profeta Daniel na última noite de uma vida estragada. “A Deus, em cuja mão está a tua vida e todos os teus caminhos, a Ele não glorificaste” (Daniel 5.23). A muitos outros se aplicariam também estas palavras.

“O machado caiu na água”, isto é, no rio Jordão, o bem conhecido tipo escritural da morte. Será o homem uma criatura decaída, ou não? À sabedoria do nosso século repugna-lhe dizer “Sim” e, no entanto, é inegável que há qualquer coisa que não está fundamentalmente certa na criatura humana. A civilizada Europa, com os seus conflitos bárbaros, em que tudo é impiedosamente calcado aos pés, não poderá jamais, em sã consciência, censurar os selvagens. Ninguém o pode negar: o homem é um ser decaído, afastado de Deus. O Jordão fala-nos da morte e inquestionavelmente a morte por todo canto pesa sobre o homem como resultado de sua condição decaída.

“Perguntou o homem de Deus: Onde caiu?”. Ao ser informado, “cortou um pau, e lançou-o ali, e fez flutuar o ferro”. Semelhantemente, assim como o ramo vivente foi cortado e lançado onde se encontrava o peso perdido, assim também o Cristo vivo foi cortado e mergulhado na morte onde jazem perdidos os homens.

Milagres físicos podem não se verificar hoje, mas milagres morais estão sendo realizados em nosso meio continuamente. Homens mortos para o Senhor estão sendo vivificados para uma nova vida no poder do Espírito e o instrumento usado para esta poderosa transformação é o Evangelho que anuncia a morte do Salvador, na cruz do Calvário, a favor dos pecadores, e a Sua ressurreição.

Enquanto a dispensação da graça prosseguir, milagres desta natureza continuarão a ser realizados.

* * *

Em 2º Reis 6.1-7, temos a bondade de Deus para com os Seus filhos; nos versículos seguintes, vemos a mesma bondade para com os outros também.

Isto corresponde ao princípio exposto em 1ª Timóteo 4.10, onde o Deus vivo declara ser *“Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis”*. É evidente que seria um erro interpretar isto como dizendo respeito à salvação da alma; apenas se refere à providência, à solicitude de Deus para com todas as Suas criaturas. Com misto concorda também o Salmo 145.9: *“O Senhor é bom para todos, e as Suas ternas misericórdias permeiam todas as Suas obras”*.

Continuando o nosso estudo do capítulo 6 do 2º livro dos Reis, desde o versículo 8, temos primeiro o Senhor dirigindo-Se a Jorão, rei das dez tribos de Israel. Deus tinha um cuidado especial com este homem; no entanto, não vemos motivos para crer que isso desse algum resultado, tão desesperada é a condição do homem carnal.

Lembramo-nos do aviso do escritor sagrado em Hebreus 6.7-8: *“A terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus; e o seu fim é ser queimada”*. A *“chuva”* da bondade de Deus caiu frequentemente sobre Jorão, mas não se vê na sua vida nenhum fruto resultante disso.

Quando rebentou a guerra entre a Síria e Israel, o rei da Síria verificou que os seus planos se tornavam conhecidos do seu adversário de uma maneira misteriosa. Muito perplexo, acusou o seu estado maior de traição e foi informado por ele de que *“o profeta Eliseu, que está em Israel, faz saber ao rei de Israel as palavras que falas na tua câmara de dormir”*. E, de fato, isto era verdade, pois por várias vezes o homem de Deus mandou avisos a Jorão, dizendo: *“Guarda-te de passares por tal lugar, porque os siros estão descendo para ali”*. *“O rei de Israel enviou tropas ao lugar de que o homem de Deus lhe falara e de que o tinha avisado, e, assim, se salvou, não uma nem duas vezes”*.

Ninguém julgue que Deus se interessa unicamente pela Igreja. A Igreja é, de fato, uma das coisas mais importantes neste mundo, unida como um corpo ao seu Cabeça, Cristo, que está nos céus; e, como tal, é carinhosamente amparada pelo amor infinito de Deus. Mas todos os homens, mesmo os mais indiferentes à maravilhosa graça de Deus revelada no Evangelho, são, apesar de tudo, criaturas feitas pela Sua mão e Ele não pode deixar de sentir interesse pelo seu bem-estar.

Deus queria que Jorão aprendesse que a vitória não depende exclusivamente de *“homens, dinheiro e mantimentos”*; que há em todos os momentos um Senhor com o Qual se tem de contar, e que é capaz de confundir todos os planos de qualquer inimigo, por mais forte que seja, e dar a vitória sem que para ela sejam necessárias manobras militares.

Os reis e os seus conselheiros devem lembrar-se sempre de que os segredos da câmara do conselho (embora sejam conservados longe do conhecimento do público) estão bem patentes perante Deus. *“Todos os moradores da terra são por Ele reputados em nada; e, segundo a Sua vontade, Ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem Lhe possa deter a mão, nem Lhe dizer: Que fazes?”* (Daniel 4.35).

São estas as lições que o Senhor desejaria ensinar aos dirigentes dos dias de hoje. E que felizes seríamos todos se eles as aprendessem!

A um dos monarcas mais poderosos da Antigüidade foi feito sentir que *“os céus é que governam”* e, como não quisesse se convencer disso, sofreu uma terrível catástrofe até que, por fim, com o seu orgulho quebrantado teve de confessar: *“Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu, porque todas as Suas obras são verdadeiras e os Seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba”* (Daniel 4.37). Quando Deus age, os planos dos soberbos são rapidamente frustrados. Sem dúvida que um Deus assim é digno da adoração e da fé das Suas criaturas!

* * *

15

CARROS DE FOGO

Este interesse especial que o Deus vivo tem por aqueles que estão em relação com Ele nos é amplamente demonstrado pelos esforços do rei da Síria contra Eliseu. Desejando ver-se livre de alguém que, pelos seus avisos a Jorão, estorvava as suas operações, mandou um grande exército de cavalos e carros a Dotã para o prender (2º Reis 6.13). Que poderia fazer um homem só contra tanta gente? Evidentemente, nada. Mas o rei da Síria já tinha a obrigação de saber, pela maneira extraordinária como

os seus planos secretos se tinham revelado, que estava contendendo com Deus, sem dúvida uma coisa muito séria. O Deus de Quem ele se esqueceu iria transtornar os seus novos projetos.

Para o terror do servo de Eliseu, quando se levantou de manhã, a cidade encontrava-se cercada por um exército. *“Ai! Meu senhor! Que faremos?”*, disse ele. *“Não temas”*, replicou o profeta, *“porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles”*.

Os olhos da fé, no homem de Deus, viam o que os olhos naturais não podiam ver. Quando os olhos do seu servo se abriram em resposta à sua oração, ele também viu a montanha coberta de carros e cavaleiros de fogo em torno de Eliseu. O homem que contemplou a visão celestial, quando o seu mestre foi arrebatado, tinha o céu sempre bem perto da sua alma. Toda a sua carreira como servo do Senhor foi profundamente afetada pelas circunstâncias que lhe deram início.

O mesmo sucedeu a Isaías, que viu a glória do Senhor (Isaías 6) e recebeu a Sua ordenação divina, e vemos como ele se refere em muitas passagens do seu livro à glória do Senhor. O apostolado de Paulo ainda é mais típico a este respeito. O fato de ter visto Cristo glorificado no começo da sua carreira deu um cunho especial a todo o seu ministério subsequente. Cristo glorificado é mais exclusivamente o tema de Paulo do que de qualquer outro escritor.

Havia dois exércitos cercando Dotã naquele dia. O servo viu os sírios e ficou consternado; o profeta viu o exércitos celestiais e ficou descansado. Do mesmo modo, quando os anjos de Deus se encontraram com Jacó, como nos narra Gênesis 32.1, ele chamou àquele lugar de Maanaim -- dois exércitos.

É como o salmista exprime em Salmo 119.150-151: *“Aproximam-se de mim os que andam após a maldade...[mas]... Tu estás perto, Senhor”*. O perigo pode ser iminente, mas Deus está mais perto de nós do que qualquer inimigo. Podemos perguntar a nós mesmos qual será o exército que estamos vendo hoje, se o daqueles que nos odeiam, ou se as hostes de *“espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação”* (Hebreus 1.14). Em todas as nossas perplexidades ou perigos podemos dizer como Eliseu que *“mais são os que estão conosco do que os que estão com eles”*.

Sucedeu então uma coisa admirável. Eliseu orou para que os sírios fossem feridos de cegueira. Isto era verdadeiramente misericordioso, enquanto que a cegueira que atingira os habitantes de Sodoma era um castigo (Gênesis 19.2). Os sírios tinham que aprender duas grandes

lições: 1ª) A impossibilidade de fazer mal ao povo de Deus; 2º) A bondade divina, mesmo para com os gentios.

Quando os sírios chegaram a Samaria e os seus olhos foram abertos, encontraram-se na presença do homem a quem procuravam, isto é, Eliseu. O rei de Israel estava nesta ocasião disposto a obedecer às instruções do profeta, o que deu como resultado serem os cativos festejados e, a seguir, enviados ao seu senhor. *“E da parte da Síria não houve mais investidas na terra de Israel”*. Este incidente extraordinário encerrou a campanha militar. Se Israel nada aprendeu com o maravilhoso procedimento do Senhor, os sírios aprenderam, pelo menos naquela ocasião.

É interessante para nós, gentios, observar no Velho Testamento estas breves e ocasionais provas do amor divino para com aqueles que não pertenciam ao povo de Israel. Na verdade, o coração de Deus é compassivo. É significativo o fato da exortação aos crentes em Romanos 12.20: *“Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber”* (Romanos 12.20) ser, na realidade, uma citação do Velho Testamento (Provérbios 25.21-22).

O capítulo que estudamos (2º Reis 6) indubitavelmente nos ensina que há um Deus que consegue fazer falhar todos os planos do inimigo e confundir a sua estratégia. É para este Deus que o Seu povo deve olhar em todas as circunstâncias difíceis da sua peregrinação terrena.

* * *

16

A LIÇÃO DA GUERRA

“Depois disto”. Note-se a expressão. O inimigo não deixa o povo de Deus tranquilo por muito tempo. O seu ódio infatigável vigia todas as oportunidades para o incomodar. Assim era nos dias de Eliseu e assim é também em nossos dias.

No entanto, 2º Reis 6.24 soa mal depois da extraordinária narrativa relatada nos versículos precedentes. Quase que poderíamos pensar que, depois do exército sírio ser alimentado por Israel, eles, por vergonha, já

não os tornariam a atacar, pelo menos naquela geração. Mas o coração humano é incorrigível.

A maior bênção, se não for acompanhada do novo nascimento, não produz maiores efeitos. Isto explica a rebelião mundial de que nos fala o livro de Apocalipse (20.7-9), que se seguirá ao Milênio de nosso Senhor Jesus Cristo. Mesmo as bênçãos maravilhosas daquela era gloriosa não efetuarão a reconciliação da carne com Deus.

Mas nada acontece sem que, para isso, haja um motivo. A nova luta dos sírios contra Israel foi inteiramente injusta. Não contaram com Deus nos seus planos traiçoeiros. Porém, sendo isto verdade, o povo de Deus estava também numa condição que necessitava ser disciplinado e disciplinado pelo severo castigo da guerra.

É assim que vemos os habitantes de Samaria reduzidos ao extremo mais severo ao ponto do rei sentir vividamente a gravidade da situação ao ouvir a história da mulher que se viu forçada a cozinhar o seu próprio filho!

Quão franca é a palavra de Deus, tanto nas suas promessas quanto nas suas advertências! Em Levítico 26 e também em Deuteronômio 28, as calamidades resultantes da desobediência foram solenemente expostas ao povo por Moisés, antes de entrarem na Terra Prometida; e agora, no reinado de Jorão, vemos como elas se cumpriram literalmente.

Nós mesmos estamos também passando por uma crise grave. Nas nossas afortunadas ilhas (1), apesar de todos os desconfortos, perdas e tristezas, não podemos fazer a menor ideia do que tem acontecido em países mais diretamente atingidos pela devastação da guerra (2). No meio de todos os sofrimentos, experimentando o cansaço e a dor, o frio e a nudez, encontra-se também o povo de Deus. Será sem causa que o flagelo caiu sobre a Igreja como caiu também sobre o resto do mundo? O que temos feito nós durante muitos anos de paz e de prosperidade? Temos agido com falta de entusiasmo, temos vivido mundanamente e temos causado divisão. Será que estamos aprendendo as lições desta época terrível? Se a humanidade, em geral, despreza o castigo e Aquele que o mandou, nós, o povo remido de Deus, estaremos prontos a humilhar-nos? Já nos dobramos perante Deus confessando as nossas deficiências e os nossos pecados?

Jorão não foi um dos piores reis de Israel. Ele fez o que era mau aos olhos do Senhor, mas não foi como seu pai e sua mãe (2º Reis 3.2). Era até um pouco piedoso. Usava o nome do Senhor e vestia-se de pano de saco. Mas o seu coração nunca foi sincero para com Deus. Por isso a

terrível prova da guerra só serviu para trazer à tona todo o pecado do seu coração.

Como aqueles de que nos fala Mateus 13.21, cujo coração é como um pedregal, ele não pôde resistir à tribulação. Assim, quando ouviu a triste história da mulher e de seu filho, exclamou: *“Assim me faça Deus o que bem Lhe aprouver se a cabeça de Eliseu, filho de Safate, lhe ficar, hoje, sobre os ombros”*. Em, vez de se humilhar perante Deus e atrair a Sua misericórdia, ergueu o seu punho para ferir. A quem? A Deus, se pudesse; mas, sendo isso impossível, queria matar o homem que O representava.

“Por que não acabou Deus com a guerra?” É a irritada pergunta que muito se ouve hoje em dia. “Se há um Deus, por que permite Ele tanto sofrimento?” Não lhes ocorre que foram os seus próprios pecados que tornaram a guerra inevitável e que talvez seja bom para eles que a escuridão não se desvaneça por enquanto.

Aos seus olhos, Deus é um funcionário público que deveria correr em auxílio dos homens, quer eles pedissem quer não, em tempos de dificuldade. Na sua cegueira, esquecem-se de que, em vez disso, Ele é um dirigente moral cujas ordens desprezaram por completo e de cuja existência nem se lembram muitas vezes. Os homens semearam ventos e agora colhem tempestades. Não poderia ser de outro modo. O caminho da salvação está no arrependimento sincero. *“Onde abundou o pecado, superabundou a graça”* (Romanos 5.20).

Eis agora o instrumento da ira de Jorão, com o seu senhor atrás de si, a caminho da casa do profeta. Eliseu continuou tranqüilamente em casa; não procedeu como o seu antecessor, que fugiu perante a ameaça de Jezabel.

Quando o possível assassino apareceu, em vez de uma terrível denúncia, soou aos seus ouvidos uma maravilhosa promessa divina. Eliseu disse: *“Ouvi a palavra do Senhor; assim diz o Senhor: Amanhã, a estas horas mais ou menos, dar-se-á um alqueire de flor de farinha por um siclo, e dois de cevada, por um siclo, à porta de Samaria”* (2º Reis 7.1).

Os nossos pensamentos vão para a cruz do Calvário e para o que se seguiu a essa tenebrosa cena. Assim como sucedeu nos dias de Eliseu, assim sucedeu também naquele dia; quando os homens tinham feito o pior que podiam, então Deus fez o que era melhor. Não o julgamento, antes o Evangelho da graça de Deus foi o resultado imediato do assassinio do Senhor Jesus.

Quando Jorão ia matar Eliseu, Deus revelou as alegres notícias de libertação e abundância; quando os homens já tinham morto o Seu

amado Filho, Deus revelou as alegres notícias que lemos nos evangelhos e que já conhecemos pela Sua graça. Além disso, a cidade onde se cometeu esse ato horrendo foi a primeira a receber a mensagem.

Na verdade, não há ninguém mais bondoso e mais misericordioso do que o nosso Deus!

(1) O Autor é inglês (N. do T.).

(2) O livro foi escrito durante a guerra de 1914-1918 (N. do T.).

* * *

17

OS QUATRO LEPROSOS

É extraordinário terem sido quatro leprosos as pessoas que primeiro provaram a bondade de Deus para com o povo faminto de Samaria.

Estas pobres criaturas estavam sentadas às portas da cidade e grau extremo de fraqueza e miséria. Sabiam (e assim disseram uns aos outros) que, se entrassem na cidade seria para morrer de fome; se ficassem ali, a morte era certa. Mas havia ainda um recurso: valerem-se da misericórdia dos sírios. “*Se nos deixarem viver, viveremos; se nos matarem, tão somente morreremos*” (2º Reis 7.4). Era a atitude do desespero. Para os que estavam dentro da cidade, eles eram desterrados; e para os que estavam fora, eram inimigos. No entanto, foi a estes homens que o Senhor primeiro mostrou a Sua salvação.

Isto faz-nos lembrar 1ª Coríntios 1.26-30. Em nossos dias, não são os sábios, nem os poderosos, nem os nobres que são chamados, mas Deus escolheu os simples, fracos, vis e desprezados e até “*as coisas que não são*” para que nenhuma carne se glorie na Sua presença. Na Sua compaixão, Ele gosta de mostrar misericórdia para com os fracos e desesperançados, perdidos e abatidos. Assim, Ele deixa bem claro que a Sua salvação é unicamente pela graça.

Eis agora os pobres leprosos samaritanos aventurando-se, ao lusco-fusco, a caminho do arraial dos sírios! A esperança e o medo alternavam-se nos seus corações quando se aproximavam das tendas inimigas; calcule-se o seu pasmo quando viram que estavam abandonadas! Os

seus terríveis inimigos tinham-se retirado. Quem os desbaratou? Os homens? Não! Deus! A vitória era absolutamente Sua! Ele tinha feito com que os sírios ouvissem um grande ruído, como o de carros e de cavaleiros, um ruído que se aproximava do Norte e do Sul. Cheios de pavor, julgaram que o rei de Israel tinha-se unido com os heteus e os egípcios contra eles. Apanhados, como eles pensavam, entre dois fogos, fugiram pelo único caminho que lhes parecia aberto – para ao oriente, através do Jordão.

Quando se investigou melhor o caso, viu-se que a estrada que se dirigia ao rio estava cheia de vestuários e utensílios que os sírios abandonavam para poder fugir melhor. Contudo, o Jordão corria entre Israel e os seus inimigos.

O Jordão é para nós simbólico da morte de Cristo. Pela Sua morte, todos os nossos inimigos foram vencidos *para sempre*. Foi feita expiação pelo pecado e o poder da morte foi destruído. A morte de Cristo, como outrora o Jordão, encontra-se entre nós e tudo o que é contra nós.

O nosso Deus alegra-Se em dizer àqueles que por si nada podem: *“Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do Senhor”* (Êxodo 14.13).

Agora só faltava os pobres leprosos gozarem os frutos da grande vitória do Senhor. Assim é conosco, também, agora e sempre. Os leprosos *“entraram numa tenda, e comeram, e beberam, e tomaram dali prata, e ouro, e vestes, e se foram, e se esconderam; voltaram, e entraram em outra tenda, e dali também tomaram alguma cousa, e a esconderam”*. Assim foi satisfeita a sua grande necessidade.

Primeiramente, *“comeram e beberam”*. Cada pecador que se aproxima de Deus vem faminto, como o pródigo de Lucas 15, pois um mundo sem Cristo é um mundo de necessidade, para aqueles que nele vivem. Mas o anúncio da graça diz assim: *“Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”* (Isaías 55.1). O bezerro cevado, aos olhos de Deus, não é demais para festejar a volta do pecador arrependido.

Os leprosos encontraram também vestuário. É muito provável que se achassem em farrapos. As nossas próprias virtudes são comparadas nas Escrituras a *“trapos de imundícia”* (Isaías 64.6). Se é assim, como não serão os nossos pecados? Mas é com júbilo que ouvimos a voz do Pai dizendo: *“Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o”* (Lucas 15.22). O melhor vestido é Cristo. NEle o crente se veste e fica justificado eternamente. O apóstolo, que conhecia por experiência própria a diferença entre a justificação adquirida pelo esforço humano e a que vem

pela fé, rejeitava a primeira devido à enorme super-excelência da segunda (Filipenses 3.9).

Mas os leprosos também acharam ouro e prata. Não foram satisfeitas apenas as suas necessidades urgentes do momento, mas também o seu futuro lhes foi assegurado. Dali em diante, jamais seriam pobres, dependentes da caridade dos seus semelhantes. Se o vestuário nos fala do “*dom da justiça*”, o ouro e a prata sugerem-nos “*a abundância da graça*” que o acompanha (Romanos 5.7). Deus enriquece para toda a eternidade aqueles a quem recebe. Os homens não costumam enriquecer os transgressores a quem, porventura, perdoem, ou os mendigos a quem socorram, mas Deus o faz porque a Sua graça é infinita. Ele oferece as bênçãos que há em Cristo a todos os Seus. Não é de admirar que o apóstolo exclamasse: “*Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo*” (Efésios 1.3).

Refeitos e satisfeitos, os quatro homens começaram a pensar nos outros e disseram entre si: “*Não fazemos bem; este dia é de boas novas e nós nos calamos*”. Portanto, levantaram-se e relataram o acontecimento aos porteiros da cidade, chegando finalmente as notícias aos ouvidos do rei.

Aquele a quem Deus abençoa tem uma grande responsabilidade sobre si. Temos ciência que o mundo está perecendo por não saber o que nós sabemos? Os quatro leprosos sentiam que não deviam sentar-se gozando a sua abundância e abandonar outros ao seu próprio destino.

O que sentimos nós a este respeito? Acontece, às vezes, que os crentes, por assim dizer, melhor alimentados espiritualmente são os que menos trabalham. Preferem estudos bíblicos intermináveis a uma vigorosa campanha de evangelização. Estará certo isto?

Pedro e João estavam tão profundamente convencidos da importância do Evangelho que, quando lhes foi ordenado não o proclamarem mais, replicaram: “*Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos*” (Atos 4.20). Dizer a estes homens que se calassem, era como se se ordenasse ao sol que deixasse de brilhar, ou ao rio que cessasse de correr.

Em 2ª Coríntios 4.13, Paulo e Timóteo apresentam as suas razões para continuarem pregando: “*Nós cremos; por isso, também falamos*”. Paulo foi investido de um mandato divino especial, como sabemos, mas não se refere a isto na passagem mencionada. Cada crente deveria dizer o mesmo.

Irmãos, cremos, realmente? Os poderosos fatos do Cristianismo serão para nós apenas artigos de fé ou tomaram, de fato, posse da nossa alma? Cremos que *“Cristo morreu pelos injustos”*? Cremos que *“Deus O ressuscitou dos mortos”*? Cremos que *“por este Homem é proclamado o perdão dos pecados”*? Se é assim, não nos calemos, porque este dia é um dia de alegres notícias.

O rei duvidou quando lhe trouxeram as notícias. Suspeitou de um estratégia do inimigo para conquistar a cidade. Embora Eliseu tivesse anunciado claramente: *“Amanhã, a estas horas mais ou menos, dar-se-á um alqueire de flor de farinha por um siclo, e dois de cevada, por um siclo, à porta de Samaria”*, ele hesitava em crer que isso tinha acontecido. Parecia bom demais para ser verdade.

Esta dificuldade em crer, por triste que seja, é perdoável; se assim não fosse, que seria de nós? Quantas vezes hesitamos em crer na palavra de nosso Deus! Quão frequentemente a nossa fé não tem raízes profundas, firmes no que Ele disse! Grande parte da Escritura é por nós julgada boa demais para tomar a sério. Era assim que os dois discípulos desapontados pensavam no caminho de Emaús (Lucas 24). Não rejeitavam abertamente as palavras das mulheres que diziam que o Senhor tinha ressuscitado, mas a sua fé titubeava ao aceitá-las.

Muito diferente desta era a descrença do capitão em cuja mão o rei se apoiava enquanto Eliseu pronunciava a sua profecia de graça. Embora ela fosse profaciada por: *“Assim diz o Senhor”*, o capitão disse para o profeta: *“Ainda que o Senhor fizesse janelas no céu, poderia suceder isso?”* Isto era positivamente desprezo. Ele estava desdenhando da palavra do Senhor. O castigo do que zomba é certo, em todas as épocas. Por isso Eliseu pronunciou imediatamente sentença contra ele: *“Eis que tu o verás com os teus olhos, porém disso não comerás”*. E assim sucedeu!

Dentro de vinte e quatro horas, como o profeta tinha dito, voltou a abundância a Samaria, *“segundo a palavra do Senhor”* (2º Reis 7.16). Mas a parte mais terrível da sua profecia também se cumpriu pontualmente. Tão grande foi a corrida aos alimentos que foi necessário pôr alguém a tomar conta da distribuição. O capitão zombador foi encarregado disso e foi atropelado mortalmente pelo povo faminto.

“Horrível cousa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hebreus 10.31). Os Seus castigos são tão certos como as Suas bênçãos. Nenhuma palavra Sua falhará. O capitão zombador reconheceu finalmente verdadeiras as palavras do profeta: *“Eis que tu o verás com os teus olhos, porém disso não comerás”*.

Semelhantemente, o Senhor Jesus advertiu os incrédulos de Seu tempo: *“Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós, lançados fora”* (Lucas 13.28). Pensamento solene! Ver outros abençoados e eles impossibilitados por toda a eternidade de o serem.

É moda em nossos dias falar com desdém do castigo de Deus. O Trono do Julgamento e o Lago de Fogo foram praticamente eliminados dos livros de ensino do Cristianismo. Mas que todos os que duvidam se acautelem, sejam ou não religiosos: a Palavra de Deus é verdadeira, apesar da incredulidade dos céticos!

* * *

18

O REGRESSO DA SUNAMITA

A tradução mais correta de 2º Reis 8.1 diz assim: *“Eliseu **tinha falado** àquela mulher cujo filho vivificara, dizendo: Levanta-te e vai com os de tua casa e mora onde puderes; porque o Senhor chamou a fome, a qual virá sobre a terra por sete anos”*.

Esta tradução nos ajudará a compreender esta passagem, porque vemos que este incidente é anterior aos acontecimentos narrados no capítulo 7. Fosse quando fosse a partida da sunamita da terra de Israel, ela se deu por ordem divina comunicada por intermédio de Eliseu. Aproximou-se uma época difícil e *“certamente, o Senhor não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas”* (Amós 3.7). Tal era o cuidado do Senhor pela sunamita piedosa que a avisou antecipadamente. Não é bom ter comunhão com um Deus assim?

A emigração desta família era, pois, diferente da de Elimeleque e Noemi (Rute 1). A decisão destes era apenas aconselhada pela prudência humana e o resultado foi triste. A conduta que nos convém é indicada pelas palavras de nosso Senhor em Mateus 4.4: *“Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”*. Atentemos para Cristo passando fome no deserto, tendo poder suficiente para satisfazer Suas necessidades, mas recusando-Se a agir sem a ordem de

Deus. Se nós tivéssemos a paciência necessária para esperar em tempos de perplexidade veríamos que podemos esperar no Senhor sem ficar desapontados e que, no momento certo, Ele dirigirá tudo conforme for necessário. Saul perdeu o seu reino por ser impaciente numa emergência (1º Samuel 13.11-14).

Notemos que a provação seria limitada – sete anos. Aquele que está sentado no trono jamais deixará que as rédeas do governo sejam usurpadas pelo inimigo. A Sua mão dirige e calcula tudo por que os Seus possivelmente tenham que passar e o inimigo não pode exceder esta medida. Assim, os sofrimentos dos eleitos durante a Grande Tribulação durarão 1.260 dias (Apocalipse 12.6) e, por muito que Satanás o deseje, nunca poderá fazer com que sejam 1.261.

Quando Satanás procurava a ruína de Jó, teve licença de o afligir apenas na medida em que Deus o ia permitindo. *“Os tempos e a lei”* (instituições religiosas) podem estar na sua mão, mas não o povo do Senhor (Daniel 7.25).

Quando a sunamita regressou do seu exílio de sete anos, apelou ao rei, pedindo-lhe a restituição de sua casa e de suas terras e, na realidade, ela obteve-a por meio do seu filho, tão impressionado o rei ficou com a história da sua ressurreição. A sunamita tipifica o povo de Israel, afastado do seu país durante a presente época de miséria, mas que ainda virá a possuir todas as coisas pelo poder do Cristo morto e ressuscitado. Quando esse feliz dia chegar, dirão: *“Um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu; o governo está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”* (Isaías 9.6). Para eles será como uma ressurreição.

Por acaso, Geazi encontrava-se perto no momento em que a sunamita fez o seu apelo ao rei. A mão de Deus estava nisso. Geazi estava até relatando a sua história e Jorão estava suficientemente bem disposto para se distrair ouvindo-a. Foi assim que ele disse a Geazi: *“Conta-me, peço-te, todas as grandes obras que Eliseu tem feito”* (2º Reis 8.4). Ele não procurava edificação espiritual nas narrativas deste ex-servo do Senhor, mas, como dissemos, o que queria era divertir-se.

Semelhantemente, nos dias de hoje, muitas pessoas que se recusariam a uma conversa franca e aberta sobre as realidades do Evangelho não apresentariam objeções se se tratasse de discutir pregadores e as suas vidas particulares. Se Jorão procurasse ter uma conversa dessas com João Batista ou com o apóstolo Paulo, ouviria como resposta coisas referentes à *“justiça, temperança e juízo vindouro”*, que o fariam tremer de pavor (Atos 24.25).

Mas Geazi agora já não era capaz disso. Tinha andado ligado ao testemunho do Senhor que tinha sido confiado a Eliseu, mas achava-se (é triste dizê-lo) fora dele e para ele eram coisas já passadas. O presente para Geazi era um vácuo espiritual. Ah, que tristeza! E de que perigos isto não nos faz prevenir! Deus tenha misericórdia de nós!

O dinheiro foi a sua ruína. Quão solenemente o apóstolo nos exorta a respeito disto em 1ª Timóteo! Ele distingue entre aqueles que desejam ser ricos (versículos 9 a 11) e aqueles que o são (versículos 17 a 19). Os que desejam ser ricos expõem-se a um tremendo perigo e aqueles que são ricos têm sobre si uma grande responsabilidade pela qual terão que responder no Dia do Juízo.

A Escritura apresenta-nos uma porção de naufragos espirituais, entre os quais temos o profeta de 1º Reis 13 e Demas. É escusado inquirir acerca da salvação dessas pessoas, porque não é isto que o Espírito Santo tem em vista. O que nos interessa é que, por se contaminarem com o mundo, perderam a sua posição de testemunhas na vida terrena.

Qualquer de nós pode fazer o mesmo. Se assim acontecer, quão terrível não será a acusação perante o trono do julgamento de Cristo! O Senhor nos conserve em humildade perante Ele!

* * *

19

INSTRUMENTOS DE IRA

Quando Elias se queixou contra Israel em Horebe, o Senhor nomeou três pessoas como sendo os Seus ministros da ira contra a nação culpada: Hazael, Jeú e Eliseu (1º Reis 19.15-17). Destes três, Eliseu foi o primeiro a ser destacado com o seu maravilhoso ministério da graça. Deus é assim. Se Israel tivesse olhos para ver isto, perceberia que o ministério de Eliseu era o intervalo divino entre a sentença e a sua execução. Cabia a Israel decidir se a sentença seria ou não executada. O Senhor está sempre disposto a desviar o golpe quando os homens se humilham verdadeiramente perante Ele. É este o princípio de ação que

revelou em Jeremias 18.7-8 e vemos como isto é verdade na maneira como tratou a cidade de Nínive no tempo de Jonas.

O ministério da graça, de Eliseu, foi praticamente infrutuoso. Israel pecava cada vez mais. Tinha chegado, portanto, a hora da espada ser desembainhada. Assim, pois, lemos dos instrumentos da ira divina citados: Hazael, em 2º Reis 8.7-15, e Jeú, em 2º Reis 9.1-10.

Quando Eliseu visitou Damasco, o rei Ben-Hadade, que se achava doente, mandou Hazael perguntar-lhe se se restabeleceria da sua enfermidade. Talvez os atos de tolerância descritos nos capítulos 5 e 6.22-23, tivessem tornado Eliseu simpático ao monarca sírio, pelo menos temporariamente. Como Naamã, ele também estava pronto a pagar suntuosamente qualquer favor que, porventura, recebesse e assim enviou ao homem de Deus *“um presente, a saber, quarenta camelos carregados de tudo que era bom de Damasco”*. Parece que os homens têm dificuldade em compreender que Deus não é um negociante, mas sim um doador generoso. Em todas as épocas encontramos homens tentando negociar com Deus – tanto com dinheiro ou com trabalho para poder receber Suas bênçãos.

Quando Hazael surgiu com o seu recado, Eliseu viu que tinha chegado um momento importante para Israel. Por isso, após ter informado o seu visitante de que, embora não houvesse motivos para crer que o doente não se restabeleceria, isso, porém, nunca aconteceria porque Hazael lhe havia de suceder como rei da Síria e Eliseu chorou. Todas as barbaridades que acompanham a guerra se lhe apresentaram perante o espírito e, embora soubesse que Israel bem merecia a vara da correção, ele amava o seu povo e lamentou a sua futura desgraça.

Quando o profeta, chorando, disse a Hazael o que este faria mais tarde ao povo de Israel, queimando as suas fortalezas, matando os seus jovens à espada, massacrando as suas mulheres e crianças, o sírio, espantado, disse: *“Pois que é teu servo, este cão, para fazer tão grandes cousas?”* Hazael não era a única pessoa aparentemente incapaz de conceber todo o mal que a carne pode fazer. É provável que até ali nunca tivesse feito tais atrocidades e foi por isso que repudiou tão enfaticamente tal ideia. Mas o futuro provou que, quando tinha poder suficiente, veio a cometer todos os crimes de que Eliseu o preveniu. É bem verdade que muitos de nós somos inofensivos apenas porque a nossa posição na sociedade não nos permite ser o contrário.

Talvez ainda alguns dos nossos leitores não se tenham compenetrado da terrível perversão da carne – da sua própria carne. Esses tais ficarão surpresos ao ver as terríveis coisas mencionadas em

Colossenses 3.5, descritas como sendo “os vossos membros”. Ou, ainda, é talvez doloroso contemplar a asquerosa lista das obras da carne em Gálatas 5.9-21. O coração revoltado talvez exclame: “*Que é teu servo para fazer tais coisas?*”

Frisemos bem: Não há nenhum mal de que a carne não seja capaz. Este estado de coisas só terminou com a cruz de Cristo e aqueles que Lhe pertencem, aceitando a sentença divina, crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências (Gálatas 5.24). Portanto, a confiança na carne nos é impossível. Cristo é tudo.

Embora Hazael ficasse espantado com a revelação do profeta, veio, mais tarde, a fazer tudo o que este predisse. Primeiro, quando voltou de Damasco, assassinou o seu senhor na cama e usurpou-lhe o trono; depois, durante muitos anos fez guerra sem quartel, tanto a Israel como a Judá, infligindo tremendos sofrimentos ao povo. As seguintes passagens registram a carreira destrutiva de Hazael: 2º Reis 8.28-29; 10.32-33; 12.17-18; 13.3-7, 22-24. Mas toda esta angústia e ruína poderiam ter sido evitadas se o povo rebelde de Deus se tivesse humilhado perante Ele.

* * *

20

A LIÇÃO DAS FLECHAS

É digno de nota que uma pessoa tão má como Jeoás, rei de Israel, fosse visitar Eliseu quando este se achava no seu leito de morte e, no entanto, assim aconteceu (2º Reis 13.14-19). Parece que ele tinha um certo respeito pelo homem de Deus, assim como, mais tarde, Herodes respeitava João Batista, embora não quisesse conformar-se com os seus ensinamentos.

Ao ver o profeta doente, chegaram-lhe as lágrimas aos olhos e o rei exclamou: “*Meu pai, meu pai! Carros de Israel e seus cavaleiros!*”. Isto era uma coisa extraordinária para um rei dizer a um seu humilde súdito, que não tinha riquezas nem poder. Mas o que o rei sentia, e com toda razão, (e, embora fosse mau, viu-se forçado a confessá-lo) é que a

presença e as orações de um homem como Eliseu eram algo de precioso para a nação.

O rei tinha razão e o mesmo se pode dizer nos dias de hoje. Quem é capaz de calcular o valor para uma nação da presença e das orações dos filhos de Deus no meio de uma crise tremenda? Quando a história do mundo for completamente revelada ver-se-á que um país deve muito aos crentes ali existentes. Mas não se pode esperar que os homens do momento possam compreender isto; para eles tudo depende de homens, de dinheiro e de mantimentos.

O profeta moribundo procurou encaminhar a atenção do rei para o Senhor como sendo o único e verdadeiro Salvador do Seu povo. Israel estava sofrendo bastante naquela altura com os ataques de Hazael, rei da Síria. Eliseu ordenou a Jeoás que pegasse um arco e flechas para lhe ensinar por meio de uma parábola. O profeta pôs as suas mãos sobre as mãos do rei. As mãos de Eliseu sugerem-nos o poder de Deus, sem o qual todos os esforços humanos são em vão. Tanto João, em Patmos (Apocalipse 1.17), como Daniel, no rio Tigre (Daniel 10.18), foram fortalecidos quando a mão direita do Senhor pousou sobre eles.

“Abre a janela para o oriente”, disse Eliseu. Se a porta fechada de 2º Reis 4.4 nos fala da alma falando em secreto com Deus, a janela aberta de 2º Reis 13.17 fala da esperança que a alma crente tem no Senhor. Ah, se nós tivéssemos mais experiência destas coisas! Daniel abria a sua janela na direção de Jerusalém quando fazia a sua oração diária (Daniel 6.10).

“Atira”, disse o profeta e o rei atirou. Segue-se a interpretação: *“Flecha da vitória do Senhor! Flecha da vitória contra os siros! Porque ferirás os siros em Afeque, até os consumir”*. Jeoás tinha chegado a um momento crítico na sua história e na história do seu reino, embora não o percebesse. A própria sugestão de que bênção e livramento dos seus temidos inimigos eram tipificados pelas flechas deveria prepará-lo para obedecer às ordens do profeta com toda a atenção. Ai dele, e do homem, em toda parte e sempre!

Vemos Deus sempre tão desejoso de abençoar e o homem tão cego que não vê o seu próprio e verdadeiro interesse! Em seguida, Eliseu disse ao rei que pegasse mais flechas e ferisse a terra. *“Ele a feriu três vezes e cessou”*. Ah, que tristeza! Não é de admirar que o homem de Deus se irasse contra Jeoás. *“Cinco ou seis vezes a deverias ter ferido; então feririas os siros até os consumir; porém, agora, só três vezes ferirás os siros”* (versículo 19).

Pela sua indolência, Jeoás tinha limitado o livramento do seu povo. Deus deu-lhe tanto quanto a sua fé abrangia e nada mais. *“Jeoás, filho de Jeoacaz, retomou as cidades das mãos de Ben-Hadade, que este havia tomado das mãos de Jeoacaz, seu pai, na guerra; três vezes Jeoás o feriu e recuperou as cidades de Israel”* (versículo 25).

Que lição temos aqui para todos nós! Estamos lidando com um Deus que tem recursos ilimitados e que Se alegra em abençoar o Seu povo; no entanto, tão pobres são as nossas idéias e a nossa fé que impedimos a Sua ação continuamente. Satisfazemo-nos com tão pouco! Somos tão inativos, tão deficientes em energia espiritual, que não avançamos para “possuir o que nos pertence”.

Que bom seria se houvesse em nós mais daquela santa ambição que enchia a alma do apóstolo quando escreveu: *“Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”* (Filipenses 3.12-14).

Eliseu tinha razão para se irar contra Jeoás, como Neemias se irou com os judeus pecaminosos do seu tempo (Neemias 13.25). Falta de fé no primeiro caso, e ligações pecaminosas no outro, desonravam a Deus e impediam que Ele abençoasse o Seu povo.

Nos dias de hoje, vemos motivos igualmente justificativas de santa indignação, embora não expressa tão vigorosamente como o foi por Neemias.

* * *

21

VIDA DE ENTRE OS MORTOS

Chegamos agora ao fim do ministério cheio de graça de Eliseu, com todas as suas instrutivas lições para os seus contemporâneos e para nós também. *“Morreu Eliseu, e o sepultaram”*.

Anos mais tarde, sucedeu algo de extraordinário. *“Ora, bandos de moabitas costumavam invadir a terra, à entrada do ano. Sucedeu que, enquanto alguns enterravam um homem, eis que viram um bando; então, lançaram o homem na sepultura de Eliseu; e, logo que o cadáver tocou os ossos de Eliseu, reviveu o homem e se levantou sobre os pés”* (2º Reis 13.20-21).

Quão maravilhoso é o procedimento de Deus! O simples contato com o profeta morto restituiu à vida o homem que tinha falecido. Assim virá a suceder com Israel. Em alguns dos seus aspectos, o Senhor Jesus assemelha-Se a Moisés, a quem Israel deveria ter dado ouvidos quando apareceu entre eles em graça (Deuteronômio 18.18-19). Tanto Pedro, em Atos 3.22-23, como Estêvão, em Atos 7.37, procuravam fazer com que o povo compreendesse isto após a ascensão de Cristo ao céu. A perda de nacionalidade e a morte vieram sobre eles em consequência de O terem rejeitado.

Mas Israel ainda entrará em contato com *“o Profeta semelhante a Moisés”*. Na tremenda crise que se aproxima, comparada com a qual a invasão dos moabitas é coisa de somenos importância, Israel entrará em contato com o Cristo crucificado. O resultado será um reavivamento do espírito patriótico que nas Escrituras é muitas vezes comparado a uma verdadeira ressurreição (Ezequiel 37.1-14; Daniel 12.1-2; Oséias 6.1-2; Romanos 11.15).

Foi segundo esse mesmo princípio que Deus nos tratou, àqueles que cremos no Senhor. O fato de estarmos em contato com o Cordeiro que foi morto trouxe-nos a vida, a nós que estávamos mortos em delitos e pecados.

É trabalho escusado apresentar o Senhor Jesus aos espiritualmente mortos como o Homem Padrão ou como o Pregador Modelo, cujos ensinamentos todos deveriam seguir. Nada disto satisfará as necessidades do pecador. Somente o sangue é que pode fazer expiação e a vida – a vida eterna – é a porção que nos cabe pela Sua morte.

Foi isto que o Senhor ensinou na Sinagoga de Cafarnaum e que muitos, até alguns dos Seus discípulos, acharam *“um discurso duro”* (João 6.60). O *“discurso”* não é menos duro para os homens carnis do nosso século; o verdadeiro crente, porém, regozija-se ao dizer: *“Esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim”* (Gálatas 2.20).

Mas podemos aplicar a lição ainda melhor. Se Cristo, por meio da Sua morte, deu vida a outros, do mesmo modo os crentes também podem fazê-lo. O próprio Senhor nos diz em João 12.24: *“Em verdade,*

em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto". Estas palavras são propositadamente abstratas. Na sua primeira aplicação, referem-se ao Senhor, mas, na sua aplicação geral, referem-se também aos crentes. Todos somos grãos de trigo e, se queremos que os celeiros de Deus se encham, é necessário que cada grão dê fruto e se multiplique. Assim como faz o grão original, cada grão que lhe sucede deve ser lançado ao solo e morrer. Ele, o Senhor, precedeu-nos no caminho que devemos tomar.

É esta a aplicação prática da "morte" para nós mesmos. À vista de Deus, todos morremos com Cristo e a nossa vida está escondida com Cristo em Deus (Colossenses 3.3). Isto tem de ser aplicado de uma maneira prática e diariamente, se quisermos dar fruto para Deus.

Temos um exemplo disto no dedicado apóstolo Paulo. Ouçamo-lo em 2ª Coríntios 4.11: "*Nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal*". O resultado nos é revelado no versículo seguinte: "*De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida*".

À medida que a personalidade de Paulo desaparecia e Cristo Se manifestava cada vez mais nas suas palavras e atos, havia bênção para aqueles com quem ele lidava.

E nós? Estamos sendo espiritualmente frutíferos? Haverá mais grãos de trigo aparecendo como resultado da nossa presença neste mundo? Ah! Quantas cabeças se curvarão de vergonha ao fazer-se esta pergunta! Exibição pessoal na pregação do Evangelho e mundanismo de procedimento são duas coisas que tornam o nosso testemunho vão e incoerente. Deus quer utilizar, e utiliza, aqueles que estão prontos a esconder-se na morte para que Cristo seja exaltado. Vida extraída da morte é a grande lição, para todas as épocas, que se encontra em toda parte nas Escrituras Sagradas.

Que tanto o que lê quanto o que escreve estas linhas possamos aprender bem a lição!

* * *